

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE TEATRO – LICENCIATURA



Trabalho de conclusão de curso

LÓRI NELSON, UM HOMEM ARTISTA:
UMA VIDA DEDICADA À ARTE E À CULTURA

Fátima Zanetti Portelinha

PELOTAS – 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

LÓRI NELSON, UM HOMEM ARTISTA:
UMA VIDA DEDICADA À ARTE E À CULTURA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado para a disciplina de
Projeto em teatro II como pré-
requisito parcial para obtenção de
grau de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Profª. Drª. Marina de Oliveira

PELOTAS – 2015

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela dádiva da vida, me permitindo realizar meus projetos e encerrar mais esta etapa.

Obrigada aos meus pais pela oportunidade de realizar e vivenciar as oportunidades que tenho.

Aos amigos e familiares, em especial à Lúcia Bassi Portelinha, grata pela compreensão nos momentos de falta entre vocês. O apoio, incentivo e carinho foram indispensáveis. Estive distante, mas carregando cada um no pensamento e no coração.

Ao meu namorado, Tiago Moreira Alves, presente comigo nesta fase final, o meu agradecimento pelo companheirismo, pelo incentivo e força. Suas palavras e apoio na realização da minha escrita foram essenciais.

Aos colegas e amigos do trabalho Daiana, Cristiane e Alexandre que nos apuros de correria da faculdade sempre seguraram a barra junto a mim. Ao curso de Teatro desta Universidade por proporcionar a oportunidade de estudar este imenso mundo que é o teatro e aos mestres pela experiência gratificante de aprendizado junto a vocês.

À Taís Ferreira e a Mateus Gonçalves pela marca gerada em mim quanto à forma de ser professor e a maneira como interferiram no meu aprendizado.

À minha orientadora, Marina de Oliveira, obrigada pela paciência e compreensão na elaboração deste trabalho e pela possibilidade de troca com uma profissional sempre comprometida e atenciosa com seu trabalho.

E para encerrar, minha gratidão a Lóri Nelson, figura inconfundível. O homem, o artista de trajetória tão grandiosa, sempre tão amável e preocupado, que me recebeu e possibilitou a realização desta escrita. Tua confiança e generosidade na troca com o outro e a dedicação com o teatro são marcas que se eternizarão, com certeza, por onde passares.

Índice de Figuras

Figura 1 Foto de Lóri Nelson.....	10
Figura 2 Foto do ator caracterizado para a peça <i>Os saltimbancos e a terra de Aghascar</i>	14
Figura 3 Folder de divulgação da peça <i>Dorotéia vai à guerra</i>	17
Figura 4 Foto de Lóri Nelson como Dorotéia.....	18
Figura 5 Folder de divulgação da peça <i>Nietzche no Paraguay</i>	24
Figura 6 Foto da turma do curso <i>Autor na rua</i>	25
Figura 7 Turma do curso <i>Autor na rua</i>	26
Figura 8 Grupo 20 prás 8 lá no Mauá.....	28
Figura 9 Lóri Nelson em <i>Uni Duni Tê</i>	31
Figura 10 Ingresso da peça <i>Uni Duni Tê</i>	32
Figura 11 Comunicado oficial sobre a premiação dos melhores da temporada 2001 no Cassino.....	44
Figura 12 Palhaço Bolaxa.....	46
Figura13 Palhaço Bolaxa junto a placa que indica a localidade na qual foi baseado seu nome.....	48
Figura 14 Bolaxa se apresentando	52
Figura 15 Bolaxa se apresentando na rua em São Paulo.....	54
Figura 16 Foto da placa em Homenagem ao Teatro do Sol	57
Figura 17 Foto da placa em homenagem ao Palaço Bolaxa.....	57
Figura 18 Programa da peça <i>Kayuá O dom da palavra</i>	64
Figura 19 Cartaz da peça <i>Uni Duni Tê</i>	65
Figura 20 Programa da peça Alice no país divino maravilhoso.....	66
Figura 21 Critica a peça <i>Uni Duni Tê</i> por Claudio Hermann.....	67
Figura 22 Matéria sobre a peça <i>Uni Duni Tê</i> no Jornal Diário da Manhã.....	68
Figura 23 Critica ao espetáculo 20 prás 8 lá no Mauá por Claudio Hermann e matéria sobre o grupo no Zero Hora.....	69
Figura 24 Materia e critica sobre espetáculo <i>Alice no país divino maravilhoso</i>	70

Figura 25 Reportagem sobre o espetáculo <i>Alice no país divino maravilhoso</i> por Nelson Abott de Freitas.....	71
Figura 26 Divulgação de Alice no Teatro Câmara em Porto Alegre.....	72
Figura 27 Matéria sobre a peça Alice.....	73
Figura 28 Matéria sobre a peça Nietzsche no Paraguai.....	74
Figura 29 Divulgação de Nietzsche no Paraguai no Teatro Câmara em Porto Alegre.....	75
Figura 30 Folhetim O Theatreiro com foto de Lóri Nelson em <i>No más... Uma cena gaúcha</i> , peça que lhe garantiu premiação especial de Júri	76
Figura 31 Programação do 1º festival de Teatro de Pelotas, com apresentação de Lori Nelson em <i>No más... Uma cena gaúcha</i>	77
Figura 32 Guia da semana de Pelotas divulgando a peça <i>Auto dos 99%</i> no Teatro Sete de Abril.....	78
Figura 33 Certificados de cursos feitos pelo ator Lóri Nelson.....	79
Figura 34 Release de <i>Dorotéia vai à guerra</i>	80
Figura 35 Parte do texto de <i>Dorotéia Vai à guerra</i>	81
Figura 36 Cronograma de ensaios da peça <i>Dorotéia vai à guerra</i>	82
Figura 37 Relação dos grupos de teatro afiliados na FETARGS em 1987.....	83
Figura 38 Matéria sobre premiação do Espaço Teatro do Sol.....	86
Figura 39 Reportagem sobre a inauguração do Espaço Artístico-cultural Teatro do Sol.....	87
Figura 40 Matéria sobre o teatro do Sol.....	88
Figura 41 Crítica do leitor em relação ao Teatro do Sol.....	89
Figura 42 Reportagem destacando o Projeto Tapete Mágico.....	90
Figura 43 Matéria comemorativa pelos dois anos de funcionamento do Teatro do Sol.....	91
Figura 44 Matéria de retrospectiva do ano de 2001 pelo Jornal Cassino marcando o Teatro do Sol como um espaço artístico-cultural permanente e de grande importância para a localidade.....	92
Figura 45 Palhaço Bolaxa em apresentação na rua em São Paulo.....	93

Figura 46 Palhaço Bolaxa no Piquenique Cultural de Pelotas.....	94
Figura 47 Palhaço Bolaxa se arrumando para apresentação no Piqinique cultural.....	95
Figura 48 Apresentação dos palhaços Bolaxa e Miacusa no 1º Teatrua em Pelotas.....	96
Figura 49 Palhaços Bolaxa e Miacusa em apresentação para os servidores da FURG na comemoração pelo dia do funcionário público	97
Figura 50 Bolaxa no Espacinho do Partage Shopping Rio Grande. Foto: acervo pessoal de Lóri Nelson.....	98
Figura 51 Foto do elenco da peça Dom Quixote e Dulcinéia. Direção: Régis Brandão e Meme Meneghetti.....	99
Figura 52 Matéria de jornal sobre Lóri Nelson e a influência da família na sua vida.....	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 LÓRI NELSON: O HOMEM ARTISTA	
2.1 Quem é Lóri Nelson.....	10
3 O ATOR E SUAS BUSCAS	
3.1 Dorotéia vai à guerra: a pesquisa e a influência das ideias de Eugenio Kusnet.....	17
3.2 Duas importantes referências: Ói Nóis e LUME.....	22
4 PRINCIPAIS VIVÊNCIAS TEATRAIS	
4.1 20 Pras 8 Lá no Mauá.....	28
4.2 Teatro do Sol: Um sonho que se tornou realidade.....	36
4.3 O Palhaço Bolaxa.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
6 REFERÊNCIAS.....	59
7 ANEXOS.....	63

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo registrar e contar o percurso da vida artística do ator rio-grandino Lóri Nelson, centrando-se na sua passagem pelo teatro. Sobre esta figura emblemática para a história do teatro e da cultura da metade sul muitas linhas de escrita se delineiam e os capítulos aqui definidos se tornam pequenos diante de uma grande trajetória como a dele. Com a ideia inicial de falar sobre um assunto, estudar sobre algo que fosse “nossa”, a fim de valorizar o teatro da metade sul, este é um relato que tem como objetivo registrar o trabalho deste artista que contribuiu e segue comprometido, trabalhando e lutando pela classe artística e pelo teatro da nossa região.

Além de já ter ouvido falar de Lóri Nelson e de admirar seu trabalho como ator, tive a oportunidade, no ano de 2014, de trabalhar com ele e sua parceira, Lara Bittencourt, na Cia Teatro do Sol, em oficina ministrada por eles para alunos da faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas. As atividades foram divididas em duas partes: num primeiro momento, pela manhã, Lara promoveu um trabalho corporal de preparação baseado nos conceitos desenvolvidos pela companhia. À tarde, Lóri adentrou com um trabalho específico de introdução à palhaçaria. Neste encontro, especificamente, foram trabalhados os princípios dos “Doutores da alegria” com os futuros médicos e comigo, aluna de teatro em busca de aperfeiçoar os conhecimentos na área artística.

Este trabalho de conclusão de curso está dividido em três capítulos. O primeiro, “Lóri Nelson: O homem artista” trata da vida do ator e fala em linhas gerais sobre dados de sua trajetória pessoal e profissional, sua participação no jornalismo, teatro, cinema e televisão.

O segundo capítulo, “O ator e suas buscas” está dividido em duas partes. Na primeira abarco um referencial importante, que vem a nortear o trabalho de Nelson. É uma exposição sobre Eugênio Kusnet, grande mestre de sua prática, que constitui a base de seu treinamento de ator, e cito, ainda, o espetáculo *Dorotéia vai à guerra*, montado pelo artista a fim de colocar em prática os conceitos do encenador russo. Na segunda parte, relato duas influências marcantes na vida artística de Lóri Nelson. A participação junto ao grupo LUME, de Campinas, na qual o ator trabalhou e aperfeiçoou a sua técnica, e a Tribo de

Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz, coletivo influente e importante na cena gaúcha e do País e que foi uma das principais referências no início da carreira do artista. Pontos de convergência são identificados entre o grupo porto-alegrense e o pelotense “20 pras 8 lá no Mauá”.

O terceiro capítulo, “Principais vivências teatrais”, divide-se em três eixos: o relato sobre o grupo “20 pras 8 lá no Mauá”, em que se pode conhecer os espetáculos e principais características do coletivo; a análise descritiva sobre o Teatro do Sol e seu espaço artístico, em que apresento o cronograma de ações artísticas oferecidas ao público; e a apresentação de “O palhaço Bolaxa”, em que trato do principal trabalho do artista, que se configura como uma marca de toda a sua trajetória profissional.

Nas considerações finais apresento um resumo dos principais pontos desta pesquisa, assim como um panorama geral sobre a trajetória deste ator que marca a história da região sul com seu trabalho e dedicação. No total, espero proporcionar o conhecimento, assim como complementar o que já existe acerca da trajetória deste profissional.

2. LÓRI NESON: O HOMEM ARTISTA

2.1 Quem é Lori Nelson?



Figura 1 – Lóri Nelson¹

Lóri Nelson, ator e jornalista gaúcho, nasceu na cidade de Rio Grande em 19 de setembro de 1958. Filho de Aida Nogueira Dias e Nelson Pegorara Dias criou-se na cidade natal e costumava brincar com os amigos de infância de escola de samba, corridas, futebol e carrinho de rolimã. Aos quinze anos mudou-se para o Balneário Cassino com a mãe e a irmã Lauir, que se tornou uma referência para os estudos, pois o presenteava com livros, estimulando o seu gosto pela literatura. Iniciou os estudos no colégio São Francisco, onde concluiu o primário em 1969 e passou, então, a estudar na Escola Cenecista Nossa Senhora Mediânea, terminando o 1º grau, como era chamado na época, em 1974. Foi casado três vezes, têm três filhos e durante sua caminhada recebeu apoio incondicional destes que são figuras importantíssimas na sua vida, assim como das companheiras que sempre o incentivaram na sua busca.

Desde muito cedo se acostumou a trabalhar, a fazer “bicos” para contribuir financeiramente em casa, construindo sua independência bem jovem. Sua

¹Todas as fotos de Lóri Nélson, a exceção das imagens vinculadas ao LUME, foram cedidas por Lóri Nelson e fazem parte de seu acervo pessoal.

trajetória de militância cultural iniciou já em 74 quando ingressou junto ao CAC, Centro Aberto de Cultura, formado no Balneário Cassino por um grupo de amigos que entre suas atividades fazia a abertura da primavera² no Bolaxa e levava ao público música, poesia e teatro. Além da produção cultural do CAC, ainda integrou o movimento secundarista e foi presidente do grêmio estudantil da escola do bairro onde estudava.

Aos dezenove anos conheceu um grupo de alunos do curso de oceanologia da FURG junto ao qual passou a conviver identificado pelo perfil dos jovens que seguiam uma filosofia *hippie* e apresentavam uma mesma linha de pensamento frente à maneira de levar a vida. Neste período, influenciado, então, pelo melhor amigo que fora trabalhar no xerox da universidade, Lóri prestou concurso para trabalhar na Instituição, onde foi admitido em seu primeiro emprego formal no qual executava atividades de laboratorista. Uma vez empregado, resolveu alçar voo e terminar os estudos do segundo grau em Pelotas, no Colégio Diocesano, concluindo-o em 1978.

Nesta época então, conheceu a Princesa do Sul e encantou-se com a cidade e com as oportunidades oferecidas culturalmente. Inicialmente ia e voltava todos os dias de Rio Grande para estudar, até que em 1981, após sair do emprego e já na faculdade, mudou-se definitivamente para Pelotas. Inicialmente, por gostar de história e por ter o exemplo de pessoas conhecidas que trabalhavam na profissão docente, desejava seguir a profissão de professor da área, mas posteriormente, vendo as crises enfrentadas pela categoria, mudou de ideia e decidiu pela carreira jornalística. Nutrindo o sonho de ser jornalista, cursou a faculdade pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) na qual ingressou no ano de 1980, formando-se como bacharel em comunicação social, com habilitação em jornalismo.

No mesmo período em que ingressou na universidade, iniciou-se outro capítulo de sua vida. Na condição de jovem militante, sempre atento as questões recorrentes à política e à cultura, conheceu Mairice Cavalheiro, a Neneca, outra jovem engajada com as questões políticas e culturais de sua época e que dava início ao grupo teatral “20 pras 8 lá no Mauá”³. Neneca e duas amigas eram

²Reunião de artistas acontecida na localidade do Bolaxa no ano de 1974.

³A partir deste ponto o grupo passará a ser chamado apenas de 20 prás 8.

Líderes do movimento secundarista na cidade, trabalhavam vendendo o jornal *O Trabalho* e faziam teatro. Segundo declaração de Nelson em entrevista, ela viu nele um ator:

Em 1980 eu namorava uma menina que disse que eu era um ator. Eu disse que ator que nada, eu vou ser um jornalista político e dos melhores, eu vou pra Brasília. E ela disse não, cara, tu tinha que fazer teatro. Eu tenho um grupo de teatro, vamos lá no meu grupo (NELSON, 2015).

Na opinião de Lóri Nelson, eles formaram um grupo militante e que queria fazer um teatro novo. O ator passou a frequentar os ensaios do grupo, acompanhando o seu processo criativo e muito atraído pelas artes cênicas e pela vivência que lhe era permitida. Diferente do que ele vivia anteriormente na sua cidade, que segundo ele era muito bitolada, neste momento lhe foi revelada uma grande liberdade de expressão, tanto nos âmbitos político-social e cultural, quanto no sexual, ponto efervescente na vida de um jovem.

A partir daí, Nelson levou sua carreira artística em concomitância com os estudos na faculdade. Ao longo dos anos marcou sua trajetória no cenário artístico da região não só com os trabalhos desenvolvidos em conjunto com os colegas artistas como na busca pela garantia dos direitos e abertura de oportunidades para a categoria, como na criação da Associação de Teatro Amador (ASA), que mobilizou toda uma categoria buscando junto aos artistas pelotenses e seus grupos modificar a cena cultural da cidade que vinha de um processo de deterioração pós ditadura militar. Nesse contexto, houve ainda a Fundação de Teatro Amador do Rio Grande (FETARG), no qual o ator foi o representante e fundador das atividades na região, e a representação na construção do sistema estadual de cultura e nos movimentos pela cultura como o Cio da Terra em Caxias do Sul e a Unicultural no Rio de Janeiro em prol da discussão e criação de leis de incentivo à cultura nacional.

Após interrupção da faculdade em prol das atividades artísticas, em 1988 o ator retornou a cidade de Pelotas após temporada com o Grupo 20 prás 8 em Porto Alegre. Mas não voltou aos estudos no primeiro semestre e deu início a uma nova pesquisa teatral, o Usina de Teatro. No segundo semestre consolidou seus planos, formou-se na faculdade e começou a trabalhar na carreira jornalística. Em seu currículo como jornalista agregou trabalhos de repórter no jornal *Diário Popular* (Pelotas), *Agora*, *Folha da Cidade*, *Correio do Povo* (Rio

Grande), *Cassino* (Balneário Cassino), *Zero Hora* (Porto Alegre), das rádios Guaíba (Porto Alegre) e Universidade – FURG (Rio Grande). Foi assessor de imprensa pela CRD - Companhia Rio-grandina de Desenvolvimento (setor de turismo), ACC - Associação comercial do Cassino (setor de turismo), APTAFURG – Associação dos professores da FURG, SINTEST-RS – Sindicato dos funcionários da FURG, SINTERG – Sindicato dos professores municipais, Câmara do Comércio, e, dos políticos Cecília Hypolito (deputada estadual - PT) e Renato Lempet (vereador municipal da cidade de Rio Grande).

Teve ainda experiência como editor e *free-lancer* de associações sindicais, empresariais e afins como Câmara do Comércio, Sindicato dos Bancários, Centro de Indústrias e Benfica Turismo. Foi repórter e editor do projeto *Jornal 23*, um veículo de cultura e arte em Rio Grande. Em 2006, o foco foi a pós-graduação, tornando-se especialista em história do Rio Grande do Sul pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Na sua carreira artística muitos são os trabalhos entre teatro, cinema e televisão que constam em seu currículo. No teatro começou com *Kayuá, o dom da palavra*, o primeiro como iluminador e ator, do seu grupo 20 prás 8 lá no Mauá em 1982, seguido de *Uni Duni Tê* (1983) e *Alice no país divino maravilhoso* (1984). Após o término do grupo vieram os trabalhos *No más... Uma cena gaúcha* (1985), *Fueteovejuna* e *Nietzsche no Paraguai* (1986), que antecederam a criação do *Usina de teatro* junto ao qual participou de *O auto dos 99%* (1987) e *Ordem e progresso* (1988).

Muitos trabalhos no teatro compõem seu currículo, tendo participações em espetáculos de dança e com o grupo LUME. Enriquecendo seu histórico ainda, estão, *Excuse me I Just to strangle my self* (1990), *Prelúdio* (1991), *Dorotéia vai à guerra* (1996), *A traição* (2001), *A gran artista Internazionale Constanza Mendonça e seu patner brasileiro* (2004), *Uma viagem ao tempo*, *Em carne viva* (2007), *Os saltimbancos e a terra de Aghascar*, *Um amor que tinha tudo para dar certo* (2008), “*Cortejo*” O vôo do pássaro selvagem, “*Cortejo*” Abre Alas (2009), “*Cortejo*” O vôo do pássaro II, Trueque, “*Cortejo*” Abertura II Festival de Teatro de Rua de Porto Alegre (2010).



Figura 2 – O ator caracterizado para a peça *Os saltimbancos e a terra de Aghascar* (TEP)

Entre suas participações em grupos teatrais estiveram o grupo TEP - Teatro Escola de Pelotas, companhia comprometida com a formação de atores. Nos grupos de dança, como a Academia Ensaio, por exemplo, interpretou Dom Quixote em *Dom Quixote*, e um dos sócios fundadores do Sport Club São Paulo em uma retrospectiva e homenagem ao centenário do clube.

Na sua coletânea de atuação em filmes podemos encontrar curtas e longas metragens, iniciando com *O gato*, de Saturnino Rocha, filme gravado em São José do Norte em que Nelson interpretou um turco dono de uma loja de móveis usados (1986). Ainda no mesmo ano veio *Jorgina* e a seguir *Gaúcho Negro* (1991), *Lua de Outubro* (1997), *Concerto Campestre* (2002), *Uma visita a casa do vovô Nelson* (2003), *Noiva do mar* (2004), *O domador de cavalos*, *Contos- Simões Lopes Neto* (2007), *Marino* – série RBS TV, *Estacionamento* (2008), *Futebol Sociedade Anônima* (2009), *Mariovaldo, Cinema, orgias e jogos eletrônicos* (2010).

Na TV foram diversos vt's e filmes publicitários, entre eles para Lojas Procópio em 1984, Lojas Gastón, CGA Veículos, Languiru, Lojas Pompéia

(campanha publicitária), Tenis Buster, Supermercados Guanabara (campanha publicitária) e campanha eleitoral em Pelotas.

Na sua carreira recebeu prêmios pela sua atuação, o primeiro em 1985 no 1º Festival de Teatro de Pelotas, o prêmio especial de júri, com o espetáculo de dança *No más... Uma cena gaúcha*, do Grupo Galeria Quilombo, no qual entrava declamando poesias. O segundo prêmio conquistado foi com a peça *Ordem e progresso*, do grupo Usina de Teatro, como melhor ator coadjuvante no 4º Festival de Teatro de Pelotas, e com *Dorotéia vai à Guerra*, em 1997, no II Conesul de Teatro, em que levou o prêmio de melhor ator.

Tanto como jornalista ou artista, Nelson possui grande identificação com a política e declara a militância como característica sempre presente de seu perfil profissional. Tornou-se uma figura emblemática para o teatro da zona sul, tendo em seu currículo mais de vinte peças teatrais, treze filmes entre curtas e longas metragens e uma média de quarenta comerciais de TV. É ator profissional registrado e passou pela direção e produção de grupos amadores e profissionais.

Ao entrar em contato com o ator a fim de marcar uma entrevista para falar a respeito de sua trajetória artística, é impossível não perceber o seu entusiasmo. Característica essa que ao conhecer mais a fundo sua história pode-se perceber claramente nas diversas áreas de sua vida. Tanto pessoal como profissionalmente, pela carreira de jornalista e artista, Lóri Nelson possui um apresso e envolvimento muito grande com o seu trabalho. Quando se fala em arte, para esse artista ímpar, esta não está dissociada da sua existência e ao ser perguntado sobre quem é Lóri Nelson não há titubeação, imediatamente vem a resposta “ator”. Pude ver a paixão que carrega consigo ao falar do teatro e da forma como este entrou e conduziu sua trajetória de homem-artista. Sim, um homem-artista que não dissocia seu dia-a-dia da arte que faz, é uma junção.

A vida e a arte andam juntas para ele, uma não existe sem a outra. E ao entrar em sua casa, logo podemos evidenciar tal característica, uma vez que suas paredes se encontram cobertas por recortes de jornais e cartazes de seus trabalhos. A disposição das roupas remete diretamente às araras de um camarim em um espaço que é a sua sala de trabalho. Como em uma criação artística, a casa tem em sua elaboração as mãos do próprio Lóri Nelson que a projetou e ajudou a construir. Após ter residido em muitos lugares, o ator finalmente

considera que encontrou o seu lugar. Pretendendo se fixar no atual endereço, adaptou o seu trabalho às condições de sua casa. Guarda o seu material profissional em sua sala de estar. Para os ensaios utiliza a praça existente em frente à residência e almeja adaptar o espaço físico da moradia para que seja possível no futuro trabalhar definitivamente em casa.

O fundo da casa de sua mãe abriga uma construção simples, mas de um charme grandioso, em que pode ser vista claramente a dedicação colocada e o empenho na direção de que o espaço onde mora seja o seu refúgio pessoal e artístico. Tendo a sua cara, como dito por ele, a casa foi construída aos poucos e ainda inacabada vai recebendo toques do dono que a leva a ser a imagem de sua arte e de sua trajetória. É uma casa teatral, como dito pelo entrevistado, fruto das buscas dele e que traz nela implícita a luta diária pelo teatro, já que esta possui em sua construção, assim como Lóri atribui à sua vivência, empenho e dedicação para a construção de algo autêntico. Ele diz: “O meu teatro se mistura muito com a minha vida. Eu acabo juntando, misturando. Essa casa tem a ver com o meu teatro” (NELSON, 2015).

Hoje Lóri vive intensamente a vida de artista e agradece por ser assim, mesmo com as dificuldades já enfrentadas, como o setor financeiro. Conta que por muito tempo precisou se dividir, ser jornalista e levar o sonho de ator paralelamente, sendo dependente do emprego para poder manter a paixão. O teatro o pegou de jeito e desde o início sua busca foi incansável. Crítico e ousado, não mediu esforços em prol do que acreditava e buscava. Intenso, sempre comprometido, buscou a criação de um método de trabalho para o ator brasileiro.

3. O ATOR E SUAS BUSCAS

3.1 Dorotéia vai à guerra: a pesquisa e a influência das ideias de Eugenio Kusnet

Dorotéia vai à guerra, uma tragicomédia que estreou em 1996 levou ao público um drama familiar vivido entre mãe e filha. No palco duas personagens femininas interpretadas por dois atores homens, Lóri Nelson e Fernando Benevenuto. O texto, de Carlos Alberto Ratton, gira em torno de uma mãe cinquentona, Dorotéia, e uma filha trintona, Madalena, aparentemente pacatas, mas que vivem uma relação solitária e conflituosa. Dorotéia é racista, frustrada, doente e carrega uma forte dose de agressividade, passando tudo isso para a filha. Madalena é solteira, tem um emprego e cuida da mãe, aguentando todas as suas provocações. Abaixo, vê-se o folder de divulgação do espetáculo:



Figura 3 – Folder de divulgação

Além de atuar, Lóri também assinou a direção do espetáculo. A peça estabelecia uma comunicação com o público através do riso, transformando o grotesco em comédia. O espetáculo recebeu apoio do Teatro do COP, integrou a programação da XI Mostra de Artes Cênicas do Teatro do COP, participou do II Cone Sul de Teatro de Pelotas, onde Lóri Nelson recebeu o prêmio de melhor ator na fase local, marcando a sua volta aos palcos depois de um período em que se dedicou à arte cinematográfica. Com esta encenação a CIA levou a cena a

proposta de trabalhar e divulgar a metodologia para o ator de Eugênio Kusnet, registrada no livro *Ator e método*.

Com uma produção simples, como podemos observar nas imagens abaixo, a ideia era focar no trabalho de ator, partindo do princípio de que o teatro não necessita de muitos artifícios se houver a entrega do intérprete que coloca seu corpo como instrumento de comunicação a serviço da arte teatral.



Figura 4 - Lóri Nelson como Dorotéia

A peça foi uma iniciativa do ator Lóri Nelson na tentativa de trazer à cena pelotense o método de trabalho de ator desenvolvido por Eugênio Kusnet, baseado no mestre russo Stanislavski. Eugênio Kusnet, russo nascido em 1898, iniciou sua trajetória no teatro após se alistar para lutar na Primeira Guerra Mundial e ter participado da Revolução Russa. Foi trabalhar com teatro nos países bálticos, onde sofreu as influências de Stanislavski. Veio para o Brasil em 1926 por não ter um cenário propício ao desenvolvimento das atividades teatrais na região, e por ter visto no Brasil esse espaço. Após chegar ao país e trabalhar

no comércio, em 1951 retomou a carreira artística a partir de um convite de Ziembinski para participar do elenco de *Paiol Velho*, de Abílio Pereira de Almeida, no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC).

Durante sete anos dedicou-se a várias montagens do TBC: *Seis personagens à procura de um autor*, de Luigi Pirandello, *Convite ao baile*, de Jean Anouilh, *A casa de chá do luar de agosto*, de John Patrick e *Os interesses criados*, de Lacinto Benavente. Paralelamente a estes trabalhos assinou a direção de *Manequim*, de Henrique Pongetti, do teatro Popular de Arte (TPA), atuou em *Desejo*, de Eugene O'Neill e inaugurou O Teatro Maria Della Costa com *O canto da cotovia*, de Jean Anouilh em 1954. A partir dessa fase foi para o Teatro de Arena, onde participou primeiramente, em 1958, de *Eles não usam blacktie*, de Gianfrancesco Guarnieri. Kusnet ainda integrou o Teatro Oficina onde atuou em *Os pequenos burgueses*(1963) e *Os inimigos* (1966), textos de Máximo Gorki que tiveram a direção de José Celso. Voltou para Rússia então, onde frequentou cursos de formação de atores na Escola Estúdio do Teatro de Arte e na Escola Teatral de Stuchkin, junto ao teatro Vakhtangov, ocasião em que aperfeiçoou o seu método de criação.

No retorno ao Brasil fez seu último trabalho como ator, *Marat-Sade*, de Peter Weiss, dedicando-se a lecionar teatro na Escola Dramática da USP. Escreveu dois livros: *Iniciação a arte dramática* e *Introdução ao método da ação inconsciente*, que posteriormente foram unidos em *Ator e método*. Eugênio Kusnet morreu em 1975 e em sua homenagem o Teatro de Arena, no centro de São Paulo, passou a chamar-se Teatro Eugênio Kusnet.

Sendo influenciado pelas teorias de Stanislavski e seguindo o sistema criado por este, estudou o conjunto de métodos e técnicas para o trabalho de preparação do ator a fim de dar continuidade ao legado do russo. O ator Lóri Nelson, inspirado pela teoria Stanislavskiana e nutrido do anseio de aprender e de trazer essa forma de trabalho para o contexto local, foi atrás dos profissionais que poderiam lhe passar os ensinamentos e encontrou as ideias de Kusnet.

Fundador do Teatro de Arte de Moscou, Stanislavski trabalhou em um método que confrontava o convencionalismo no teatro. Baseado nas ações físicas, que seriam as grandes responsáveis por transmitir o espírito interior do papel interpretado, este ainda seria ajudado pela vida e imaginação do ator, as

quais seriam emprestadas à personagem. Como palavras chaves para o método podem ser citadas ações físicas, espírito interior e imaginação.

O sistema lutava contra as interpretações exageradas, o convencionalismo imposto pelo texto, propondo uma renovação no desempenho do ator, direção, cenários, figurinos e no entendimento da peça. As técnicas vinham a modificar e aprimorar o trabalho cênico, enriquecendo-o e dando um novo foco aos caminhos tomados pela encenação, principalmente no que diz respeito ao trabalho de ator, vindo a valorizá-lo. O sistema é um guia que coloca o inconsciente para trabalhar, tendo na figura do intérprete o centro de toda ação cênica.

Kusnet propõe uma análise ativa, a partir da qual é feito um estudo do texto, de tudo o que está implícito nele. Olha-se para o texto e para o subtexto tentando compreender-se tudo que ele propõe e com o método da improvisação e do exercício da repetição busca-se colocar em prática uma ação que seja o mais verdadeira possível para o espectador.

Conforme Stanislavski, o método não é para ser seguido à risca, mas é uma opção de trabalho que dá ao ator a possibilidade de criar seu próprio método. Partindo desse pressuposto, e isso é algo muito vivo na realidade do nosso ator, Lóri Nelson tem a vontade e pretensão da criação de um método de trabalho próprio, baseado nos conceitos desenvolvidos por Eugênio Kusnet e alicerçado a partir do perfil do ator brasileiro. Embasado nos conceitos teóricos, a sua trajetória artística e como vê o fazer artístico, ele diz:

Qual o foco de Eugênio Kusnet? Ação cênica. O estudo da ação. Ator, corpo, personagem, figura... Começa-se a ver o processo psicológico da criação. Não só a mente carrega a nossa história, mas os músculos também. Temos nossa história guardada em nosso corpo e a partir disso vem uma nova maneira de interpretar, que não leve mais em consideração só o texto, a periferia, mas sim o corpo do ator, o ator. O teatro está dentro desse corpo e é esse teatro que eu quero. Eu não quero um ator que me diga o texto correto e cujo corpo não me diga nada. Eu quero um corpo que fala junto com o texto, que seja o texto. (NELSON, 2015)

Lóri Nelson acredita, como dito acima, em um processo laboral de criação. Com envolvimento e dedicação, utilizando-se das referências do método de Kusnet, cria a sua rotina de trabalho e busca a verdade em cena, uma verdade que mobilize o espectador para a sua arte. Na construção do seu atual e permanente trabalho, o Palhaço Bolaxa, ele diz que este é todo construído em cima de referências bibliográficas e que não saiu do nada. É fruto de muito

estudo, de muita pesquisa. Partindo dos conceitos kusnetianos, o artista acredita que o ator é o centro e que não há necessidade de muitos recursos quando há ação bem trabalhada, o corpo do ator é capaz de transmitir pensamentos, ideias e sentimentos ao público. E, com a proposta de colocar em prática todo o aprendizado e conceitos que norteavam seu trabalho, ele propõe o espetáculo *Dorotéia*, sobre o qual afirma:

A Dorotéia era uma peça com a qual eu queria provar que a teoria de Kusnet era o canal. O texto era subjetivo. Tu via uma mãe e uma filha em cena, mas na verdade eram o Brasil e o povo. A partir de uma cama de chão a gente construía vários móveis e objetos, cama, altar, mesa. Ela ia tomando forma conforme a necessidade da cena (NELSON, 2015).

Segundo ele, nesta época o teatro passava por uma crise local. A ASA teatro havia se desfeito e a mobilização dos grupos não era mais a mesma. Cada um foi atrás de fazer o seu pé de meia e o espetáculo surgiu da ideia de colocar a técnica de *Ator e método*, de Kusnet, em prática. Provando que não é preciso toda a parafernália cênica e muitos recursos que tornam caro o fazer teatral e muitas vezes inviabiliza a proposta, o ator apostou em uma montagem simples, mas rica na interpretação. A peça centrou-se no trabalho de ator e na criação de personagens que se bastavam em cena.

Eu sempre quis pesquisar o ator. Achar um método. E essa é minha batalha, construir uma metodologia para o trabalho de ator, um método de trabalho do ator. Como eu trabalho para ser ator? Essa é minha questão. Num primeiro momento, lá na década de 70, tínhamos como mestre maior Stanislavski e aí eu fui atrás de alguém que me ensinasse o método dele. Foi aí que descobri Eugênio Kusnet... Me embrenhei nos seus conceitos e comecei a desenvolver meus trabalhos em cima deles e a construir os personagens a partir dele. Me tornei um Kusnetiano. E assim fui indo, até que comecei a ministrar oficinas. (NELSON, 2015)

Na sua trajetória o artista busca sempre o aperfeiçoamento de seu trabalho. Com muito estudo e dedicação ele vai em direção as suas metas, baseando seu fazer nas teorias em que acredita e colocando-as na prática. Segue um treinamento de ator com base nos aprendizados de Kusnet, em cima do qual constrói suas personagens. Fundamentado na teoria Kusnetiana, Lóri desenvolveu em 1998 oficinas para atores profissionais junto ao Teatro Municipal de Rio Grande e estas foram repassadas ao público do Teatro do Sol, nos anos 2000. Nelson acredita que o ator é o centro do teatro e que nele está a base para toda ação. Segue a premissa de que o ofício de ator é, antes de tudo, preparar o seu corpo para que esse possa transmitir vida enquanto interpreta.

3.2 Duas importantes referências: Ói Nóis e LUME

Ao ouvir os relatos de Lóri sobre a sua vida artística, sobre as suas inspirações, é impossível não perceber algumas características inerentes a ele tanto pessoal como artisticamente, assim como alguns referenciais muito presentes em sua trajetória. É um profissional e ser humano comprometido com a vida e com a arte, unindo as duas no seu modo de viver. Seu perfil não é separado para cada uma, ele leva em constante harmonia estas duas esferas, buscando o aperfeiçoamento do conjunto humano-artístico, uma vez que para este artista a vida e arte estão unidas, uma coexiste com a outra, não se separam, de modo que uma é matéria da outra.

Como já citado no capítulo anterior, Kusnet é a base de seu trabalho como ator atualmente. Mas se observarmos a trajetória de Lóri, percebemos duas referências importantes em sua carreira, o Oi Nóis Aqui Traveiz e o LUME. A Tribo de Atuadores foi uma referência sempre muito presente na fala do artista durante nossas entrevistas e conversas sobre a sua vivência com o grupo 20 prás 8 e o início de sua vida artística. Não por acaso, ele desejou, no início de sua carreira, ser integrante do grupo.

O Ói Nóis inspirou toda uma geração de teatralistas após a ditadura militar. A Tribo, como é chamada, formou-se em meados da década de 70 em Porto Alegre com o intuito de inovar a linguagem cênica. A fim de renovar a arte teatral, os espetáculos do grupo são frutos de intensa pesquisa cênica, de estudo e experimentação tendo por base o trabalho do ator. Entrando na vida de Lóri Nelson em meados de 80, junto a sua trajetória com o 20 prás 8, o coletivo se tornou uma aspiração profissional para o ator e inspiração para o modo como ele via a arte e o fazer teatral desde o princípio de sua trajetória artística.

Grupo que ia contra os ditames de uma sociedade massificadora resultado do processo da ditadura, o Ói Nóis, ou Terreira como ficou conhecida, teve na gênese de sua trajetória espetáculos polêmicos criados a partir de um método próprio de fazer teatro. Criticavam e questionavam o sistema com um modo particular de trabalho. Os atuadores, que viviam juntos e mantinham uma rotina de trabalho coletiva, trabalhavam com textos marcantes e estabeleciam uma

relação diferenciada nos padrões de como trabalhar a sua arte e levá-la ao público.

Não só em sua origem, mas ainda hoje, pois este é um dos grupos mais antigos em funcionamento no País, o Ói Nóis preocupa-se com a interpretação dos atores, busca um preparo técnico permanente e tem como um de seus pontos principais a criação coletiva. Dentro desta perspectiva, não podemos deixar de observar a relação entre os integrantes, não só pessoal, mas profissional. Residiam comunitariamente, tinham um local próprio para se reunir e trabalhar e faziam um teatro que não se dissociava de ser e existir. Era uma ideologia de vida, partilhavam seu dia-a-dia, participavam de cursos e passavam o que aprendiam para os outros integrantes e era dentro do grupo que se dava a aprendizagem total.

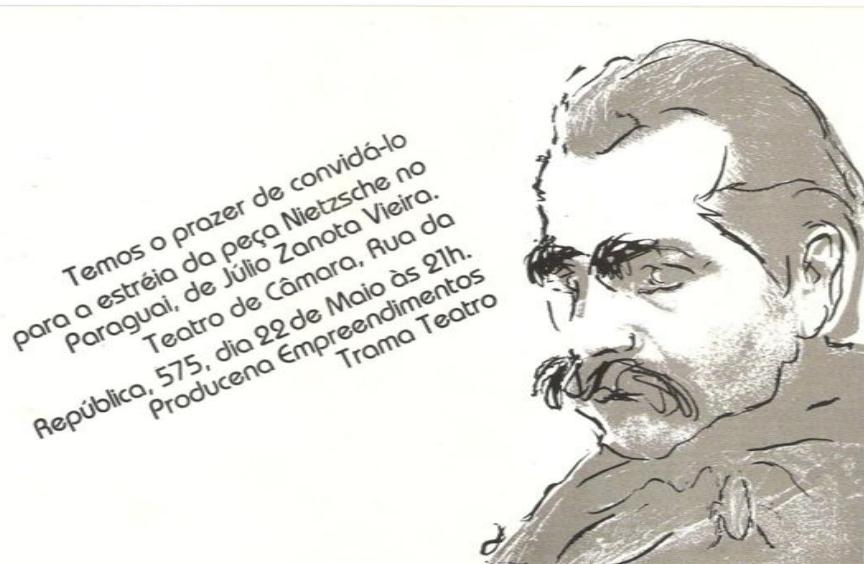
O coletivo possuía um diferencial: o rompimento com a estrutura convencional e a valorização de todo o processo que envolve a arte, desde a convivência pessoal e profissional dos integrantes, até a maneira como estes encaram e dão andamento ao processo de trabalho desde a aprendizagem até o produto final. Podemos perceber assim que os teatreiros têm por filosofia assumir sua própria história, não delegam a tomada de decisão e o fazer. Eles atuam, experimentam e vivenciam a arte em suas vidas.

O Ói Nóis Aqui Traveiz é uma referência forte para o teatro de rua e uma das principais para o teatro gaúcho como um todo. Uma marca de suas produções é a relação com a plateia, não só em termos ideológicos, mas também espaciais. Temas políticos e sociais são comumente vistos em cena e muitas de suas peças são fruto de estudos que dão vida a uma estética própria.

[...] Para a tribo de atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, o teatro é instrumento de desnivelamento e análise da realidade; sua função é social: contribuir para o conhecimento do homens e ao aprimoramento da sua condição. Num mundo marcado pela exclusão, pelo pensamento único, pela desumanização e pela barbárie, cada vez mais é vital e necessário denunciar a injustiça, as vendas de opinião, o autoritarismo, a mediocridade e a falta de memória. Esta é a defesa que o Ói Nóis faz: O teatro como resistência e manutenção de valores fundamentais que diferenciam uns de outros: a solidariedade, a honestidade pessoal e a liberdade fazendo um teatro a serviço da arte e da política, que não se enquadra nos padrões da ética e da estética de mercado. O teatro como um modo de vida e veículo de ideias: um teatro que não comenta a vida, mas participa dela! (FOLDER Terreira da Tribo>O Teatro como Instrumento de discussão social)

Fazendo um teatro de protesto, o coletivo se formou de pessoas vindas de outros grupos e de pessoas que entraram por convite a partir de cursos, como acontece ainda hoje. Desde o seu começo não possuíam uma organização empresarial e tinham por ideologia a resistência ao sistema político-social, que tornava comercial o setor artístico-cultural. Queriam contestar a forma teatral existente na época, que valorizava o teatro feito dentro de um prédio e com valor mercantil, assim como contestavam o regime capitalista que paralisava a sociedade e limitava o seu senso crítico. Nas suas apresentações o público não é tratado como mero consumidor, é incitado a refletir e a fazer alguma coisa com o que está sendo apresentado e consigo mesmo, como uma tomada de posição frente aos fatos e ideias apresentados.

Lóri Nelson envolveu-se com a Tribo em diferentes momentos, desde a produção de espetáculos do coletivo na cidade de Pelotas até uma produção, não diretamente ligada ao grupo, mas idealizada por Julio Zanotta junto a Trama Teatro e a Producena. Espetáculo independente, *Nietzsche no Paraguai* reuniu alguns dos principais atores da cena teatral na época. Criado em 1986 a partir da leitura de Zanotta do livro *Yo y mi hermana*, do alemão Friederich Nietzsche, a história narra a trajetória do filósofo à procura de sua irmã Elizabeth pelo Paraguai num tom de comédia.



Temos o prazer de convidá-lo
para a estréia da peça *Nietzsche no*
Paraguai, de Júlio Zanotta Vieira.
Teatro de Câmara, Rua da
República, 575, dia 22 de Maio às 21h.
Producena Empreendimentos
Trama Teatro

Figura 5 – Folder de divulgação da peça *Nietzsche no Paraguai*, 1986

Dentro do círculo de influências na carreira do nosso ator, em 2001, um novo capítulo se abre. Neste ano, Lóri Nelson colocou em prática o sonho de trabalhar sua arte em espaço próprio, o Teatro do Sol. O artista, em contato com colegas de profissão, começou a conhecer mais a fundo o trabalho do LUME, de Campinas, fundado por Burnier após sua vinda de uma temporada na França para estudos. A ida de Lóri para Campinas e a participação em cursos de formação oferecidos pelo grupo foi um marco para a carreira do ator e tornou-se uma das diretrizes para o seu trabalho.



Figura 6 – Turma do curso *O ator na rua* - LUME/UNICAMP⁴

Burnier, desde o princípio de sua trajetória estudando na Europa, possuía o intuito de criar uma companhia de estudos do movimento, e após anos de pesquisa recebeu o convite para ministrar a disciplina de treinamento de ator no curso de extensão em Artes Cênicas da UNICAMP. O LUME foi fundado em 11 de março de 1985 e sua sigla significa “Laboratório Unicamp de Movimento e Expressão”. A técnica desenvolvida pelo grupo é de Mimese corpórea, método baseado na observação e codificação de ações físicas e vocais. O trabalho de Burnier é norteado por seu aprendizado na Mime Mouvement Theatre, a escola de Jacque Lecoq e pelos conceitos de Etienne Decroux, o qual tem como

⁴Imagem retirada do livro em comemoração aos 25 anos do LUME Teatro com organização de Naomi Silman.

premissa para a sua prática o conceito de que o teatro é a arte do ator. O ator como centro de toda ação.

Conforme pode ser visto no site do grupo LUME, os cursos oferecidos abordam diversos aspectos do treinamento do ator: voz, energia, ação, utilização de objetos, mimese corpórea, utilização cômica do corpo, entre outros. Utilizando uma metodologia própria com base em um trabalho de mais de 25 anos de pesquisa, tem por objetivo a transmissão de métodos de treinamento físico e vocal para atores, bailarinos e performers. Trabalhando o como fazer, as técnicas e ética na abordagem do trabalho teatral, os cursos oferecidos são 11: *Mimese corpórea, Treinamento técnico do ator, Da energia à ação, O corpo como fronteira, O palhaço e o sentido cômico do corpo, A presença do ator, O corpo multifacetado, O ator na rua, O corpo da voz, A vida secreta dos objetos e Diálogos de produção*.



Figura 7 - Turma do curso *O ator na rua* - LUME/UNICAMP

Lóri Nelson foi para junto do LUME estudar e aperfeiçoar sua técnica. Participou de dois cursos de formação em Campinas, *O ator na rua* e *O palhaço e o sentido cômico do corpo*. O primeiro contato com o grupo foi em 2009, na oficina *O ator na rua*, quando Lóri trabalhou a fundo com um elemento fundamental para sua trajetória, a rua. Além do intenso trabalho físico, característica marcante do LUME, a atividade promoveu grandes aprendizados quanto ao trabalho diferenciado que se tem no teatro de rua. Conforme o artista

cita em entrevista para este estudo, “o *Ator na rua* trabalha o ir à rua na prática, te ensina a ver a rua. A aula é transferida para a rua e a sala passa a ser a rua” (NELSON, 2015).

Com base na fala citada anteriormente, a partir dessa experiência o ator que participa do curso aprende a interagir com as mais diversas situações e condições oferecidas pelo espaço. É possibilitado o aprendizado de como olhar para o outro e como olhar ao redor, afinal não se trata apenas do ator e seu parceiro de cena com um roteiro pré-estabelecido, mas um conjunto de elementos que estarão jogando e interferindo na cena.

A partir do estudo da metodologia utilizada podemos classificar em três eixos principais o trabalho desenvolvido: O treinamento energético, a dança pessoal e o *Clown* e o sentido cômico do corpo.

A partir do livro *25 anos LUME teatro*, vê-se que a base do trabalho é o treinamento energético, com um ritmo intenso e de exaustão física causando um estado de extravasamento das ações, tornando-as repletas de sensação e emoção. Amplia-se a expressividade do corpo e dá-se forma as energias acordadas no treinamento. A dança pessoal é responsável por um aprofundamento da etapa anterior, em que as energias começam a ser codificadas pela repetição, permitindo a memorização e criação de um léxico particular e corpóreo pessoal do ator. De acordo com Lóri, o trabalho com a dança pessoal é um treinamento interiorizado e que mexe com todo o corpo, com sentimentos e sensações.

Os exercícios das aulas são elaborados pelo grupo ou aperfeiçoados buscando princípios básicos como precisão e variação do tamanho e ritmo das ações corporais e vocais em busca da construção de um corpo tridimensional. O ator rio-grandino vivenciou a grande valia do treinamento obtido junto ao LUME na sua construção de ator e na criação de seu palhaço, o Bolaxa. Seu caminho de pesquisa com o grupo percorreu os anos de 2009, 2010, 2011 e 2012, sendo este último com discípulos do LUME em Porto Alegre, Fabíola Rahde e Marcos Rangel.

4 . PRINCIPAIS VIVÊNCIAS TEATRAIS

4.1 20 Prás 8 Lá no Mauá



Figura 8 – Grupo 20 prás 8 lá no Mauá

Uma casa, seis jovens e um objetivo: fazer teatro. Assim nasceu o grupo 20 prás 8 Lá no Mauá, o primeiro grupo de Lóri Nelson, sendo a sua estreia na arte teatral. Entre os integrantes estavam Cláudio Penadez, Lóri Nelson, Walberto Chuvas, Mairice Cavalheiro (Neneca), Maristela Milan (Teleca), Claudia Bottermund (Cacaia), que formavam um núcleo principal e conforme a necessidade das produções tinham a participação de outros artistas.

Lóri Nelson chegou a Pelotas em meio à efervescência dos movimentos estudantis do final da década de 70 que se posicionavam contra o regime militar e logo se identificou com o momento sócio cultural do período: a luta contra o sistema capitalista, a liberdade sexual, o movimento pela liberação da maconha e a busca pela liberdade em geral, uma vez que essa vinha sendo cerceada pela sombra da ditadura militar. O teatro perdera seu espaço, as artes sofreram com a amputação de sua voz e as manifestações culturais vinham, então, buscando um novo lugar ao sol. A categoria estudantil buscava constituir novamente um cenário cultural dentro da sociedade, atendendo as demandas e anseios de uma época.

Os anos 70 para o teatro sofreram com os resquícios da intolerância do regime militar. Não havia incentivo institucional, a cultura ficou reprimida e muitos

espaços foram fechados. A falta de lugares próprios para as manifestações artísticas levou a classe para dentro dos bares e a constituir espaços alternativos para reunião de artistas e a realização de atividades culturais. Como opções, a população tinha ao alcance, por exemplo, a Boate do Direito, o bar do Mauá, o Liberdade e o Misturança, entre outros. Este último, nascido de uma colônia de estudantes, localizado na rua XV de novembro, foi um espaço importante na vida de Lóri Nelson.

Tendo origem numa proposta de bar ecológico, o Misturança foi o primeiro restaurante macrobiótico de Pelotas. Uma iniciativa do grupo de estudantes engajados no cenário cultural da época do qual o nosso ator fazia parte. O bar dividiu espaço, inicialmente, com o PT (Partido dos Trabalhadores) e após a mudança deste para uma nova sede, ampliou-se e começou a contemplar também apresentações artísticas. Ali foram lançados muitos músicos pelotenses e feitas muitas apresentações teatrais, sempre com a presença de um público variado.

O ator adentrou nesta realidade e deu o ponta pé inicial em sua trajetória nas artes cênicas na década de 80. Conheceu Mairice Cavalheiro, a Neneca, que identificou nele um perfil de ator e o convidou para fazer teatro com ela. A atriz e duas amigas, junto com outros quatro integrantes formavam o 20 prás 8, um grupo que estava inserido diretamente no movimento cultural da época. O coletivo produziu quatro espetáculos durante sua trajetória e possuía uma rotina intensa de trabalho. Os integrantes largaram suas atividades fora do mundo da arte e se dedicaram exclusivamente ao fazer teatral. Foram morar juntos e constituíram uma rotina peculiar que pode ser comparada aos grupos Ói Nós Aqui Traveiz, de Porto Alegre ou mesmo ao americano Living Teather.

Era muito forte, nós éramos militantes. Comecei a frequentar os ensaios do grupo quando eles começaram a montar uma peça. Faltou o iluminador e aí então eu sou o iluminador. Era o 20 prás 8 lá no Mauá, que é o meu grupo mor, um grupo histórico na cidade. A gente começa a trabalhar e todos resolvem morar juntos, alugamos uma casa e todo grupo mora junto. (NELSON, 2015)

A rotina do coletivo abrangia dedicação exclusiva ao teatro e a militância na cultura, uma busca diária para aperfeiçoar as técnicas e criar as oportunidades no mercado. Para além dos ensaios e da criação, o grupo batalhava indo atrás de recursos nas secretarias e buscando criar festivais na cidade. Em meio a essa

atmosfera de luta pela classe nasceu a Associação de Teatro Amador (ASA) em Pelotas, uma oportunidade para a mobilização conjunta dos teatreiros da região.

Quando questionado sobre o grupo, Lóri Nelson assim o define:

Oito horas de trabalho por dia, oito horas de ensaio todos os dias. Não tinha sábado nem domingo, não tinha feriado nem férias. Era viver para o teatro. Aula de dança, música, canto, expressão corporal, leitura, ensaio, pintura, história, política e militância (NELSON, 2015).

De acordo com o perfil traçado pela fala do artista, o coletivo era formado por uma consciência de comprometimento e responsabilidade com a realização de sua arte, valorizando todas as linguagens artísticas na construção de um teatro comprometido e convicto de suas premissas. Até o ano de 1985 o grupo produziu quatro espetáculos: *Kayuá, o dom da palavra*, *HullaHulla nas costas do Brasil*, *Uni Duni Tê* e *Alice no país divino maravilhoso*.

Kayuá, o dom da palavra, espetáculo com direção de Cláudio Penadez, foi o primeiro trabalho do grupo de jovens atores e a estreia de Lóri Nelson na arte teatral. A peça era uma mistura de teatro e dança baseado no texto *Genesis*, de Barbosa Lessa, que tem como tema a criação do mundo na visão tupi-guarani. A ideia para a produção nasceu a partir de um curso de dança-teatro oferecido pela Universidade Federal da Bahia, no qual Cláudio participou e na volta a Pelotas ofereceu aos interessados na escola de Educação profissional Senac Pelotas.

Na época da montagem, o grupo utilizou o saguão da prefeitura municipal para as apresentações, com iluminação montada por eles mesmos com latas grandes e uma mesa de controle caseira. Todos estavam envolvidos com alguma tarefa na produção e não havendo quem fosse o iluminador, Lóri Nelson se dispôs a tarefa. Para os spots, catavam latas grandes de maionese ou ervilha nos lixos da Avenida Bento Gonçalves e pela cidade. O grupo comprou os fios e materiais necessários para montar as plataformas e o ator, que buscou algumas informações com alguém que entendia do assunto, foi o responsável pela execução e manejo da iluminação do espetáculo.

A montagem contou com um texto criado coletivamente e transscrito por Lóri Nelson, que se tornou o responsável pelos textos do grupo a partir de então, além da produção e atuação. Kayuá contou com catorze personagens que representavam a natureza. Durante toda a temporada de apresentações como responsável pela iluminação, foi em uma das últimas que o iluminador virou ator.

Precisando de alguém para entrar no lugar de um colega que não pode ir a uma viagem de apresentação, Lóri Nelson se dispôs a substituí-lo já que acompanhava o espetáculo e sabia as movimentações da personagem. Os músicos se viram como iluminadores e ele estreou como ator em Santa Vitória do Palmar em dezembro de 1982, no Clube Caixeiral.

Após a primeira montagem veio *Hulla-Hulla*, ao qual Nelson não atuou. Era uma sátira que criticava o capitalismo e a invasão cultural, um espetáculo com ênfase na interpretação, no canto e na dança.

A terceira peça foi *Uni duniTê*, uma montagem do coletivo que teve como tema central a educação. Estava longe de ser um trabalho acabado, como dito no programa da peça, configurando-se como resultado de uma série de laboratórios em cima de uma temática geral escolhida.



Figura 9 - Imagem do espetáculo *Uni Duni Tê*

O trabalho falou sobre crianças, que sem terem suas idades definidas no contexto escolar mostrado, poderiam ser qualquer um, possibilitando ao espectador se identificar com as questões abordadas, trazendo-as para a sua realidade. Em cena estavam estudantes em conflito com a escola, insatisfeitos com um sistema que não dizia o que eles queriam ouvir e nem ensinava o que eles precisavam aprender. Em clima de farsa e caricatura, o grupo de alunos

procurava por um sistema educacional com mais sintonia na realidade. Segundo Nelson Abott de Freitas,

Foi um bom espetáculo. Alegre e bem humorado, os atores conseguiram passar uma emoção à plateia. Um texto crítico, aludindo à educação brasileira, com suas falhas e vícios. Foi um trabalho avivado por muita vibração do elenco, que ali demonstrou a qualidade de conseguir prender a atenção de uma plateia. De fazer rir e pensar. (FREITAS, 1984, p.22)

A partir da crítica citada podemos perceber o engajamento do coletivo frente às questões recorrentes da sociedade, como a educação. Com o espetáculo o grupo encerrou uma temporada de apresentações no teatro do Museu do Trabalho em Porto Alegre no mês de novembro de 1983. Na última apresentação, segundo crítica do caderno ZH, assinada por Claudio Hermann, o elenco pôs muita energia e vitalidade na atuação, e nem por um minuto o espetáculo deixou de ser movimentado, nenhuma monotonia física instalou-se em cena e ainda observou o estilo sempre muito comunicativo dos artistas pelotenses, o qual percebia sempre presente nos trabalhos do grupo.

“...tudo acontece em clima de farsa e caricatura. As interpretações são animadas e a marcação dinâmica, com música, dança, piadas e ingenuidade juvenil temperando as cenas.” (HERMANN, 1983)⁵

Uni Duni Tê trouxe à cena uma personagem com maior demanda de criação por parte de Lóri Nelson, o Doralino, em vista da primeira participação em Kayuá onde sua atuação era mais coreografada e cantada. Em cena estiveram sete personagens desenvolvidos por sete atores.

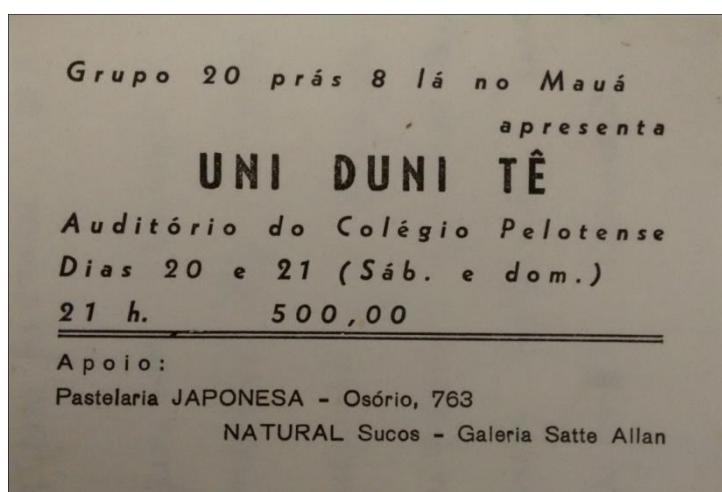


Figura 10 - Ingresso da peça

⁵As críticas de Cláudio Hermann, do jornal *Zero Hora*, foram retiradas do acervo pessoal de Lóri Nelson, estavam recortadas sem a informação da página.

O quarto espetáculo do grupo, *Alice no país divino maravilhoso* foi uma produção profissional com patrocínio das lojas Procópio, RBS TV, Fundapel e Pró-reitoria de Extensão da UFPel, com figurinos do estilista pelotense Neco Tavares. Construído a partir da adaptação do texto de Lewis Carroll, *Alice no país das maravilhas*, feita pelos brasileiros Sidney Miller, Paulo Afonso Grisolli, Luis Carlos Maciel, Tite de Lemos e Marcos Flaksman, a peça falou sobre a juventude diante do mundo contemporâneo. O estilo escolhido para a montagem foi a comédia, uma comédia musical focada no trabalho das vozes e movimentos corporais. Com um aprofundamento e variação nas interpretações o grupo buscou ainda o enriquecimento do cenário e efeitos.

A história de Lewis Carroll traz até o leitor o encanto com o mundo infantil, tipos e cenas que giram em torno do mundo das crianças. A obra desvela as fantasias da imaginação infantil. Alice envolve-se com personagens estranhos de um lugar absurdo e curioso em um sonho em que ela cresce e diminui a toda hora.

O 20 prás 8 foi buscar o entendimento acerca do texto original e a partir de um estudo aprofundado da adaptação nasceu o trabalho, uma releitura em um tom onírico e fantástico como sugerido pela estória. A montagem contou com um número mínimo de atores para um grande volume de personagens, oito para trinta e cinco, e um roteiro inspirado nas obras gregas com um coro pequeno como ilustração de fundo. Algumas músicas foram substituídas por versos interpretados e a peça foi carregada de efeitos sonoros, com um cenário reduzido, interpretações variadas e marcações objetivas. Alice cresceu, não é mais criança e sim uma adolescente e seu *habitat* natural não é a floresta, mas a vida urbana. A intenção era levar o público para dentro do mundo que estava sendo apresentado e ainda segundo Lóri Nelson em entrevista dada ao jornal *Diário da Manhã* de Pelotas, a versão seguiu a história original e não apontou soluções ou conclusões, apenas pretendeu dar ao jovem a oportunidade de se ver retratado em cena.

Quanto à escolha, o porquê da encenação, quando perguntado sobre o assunto, Penadez relata em matéria para o *Diário Popular* de 12 de agosto de 1984, que assistiu uma montagem e gostou da proposta. Além de exercer a função de direção da versão pelotense, Cláudio ainda participou como ator. Para

o diretor, Alice deveria causar certo impacto a quem assistisse, essa era a intenção. A personagem, que não seria a das fábulas, mas uma adolescente em meio à vida cotidiana seria pressionada por uma educação paternalista, autoritária e sonharia com uma aventura em um país divino maravilhoso.

Em crítica ao espetáculo Claudio Heemann fala sobre a linguagem onírica usada por Carroll e a riqueza poética presente no texto, permitindo inúmeras interpretações, e registra sua opinião sobre montagem do 20 prás 8.

O espetáculo pelotense tem um endereçamento adulto. Alice foi naturalizada. Parece ser a classe média brasileira dos últimos vinte anos. Perplexa diante da dominação por forças abstratas. Ansiando pelo encontro com valores sólidos, harmonia interior e o caminho sem conflito (HERMANN, 1985).

O crítico frisa ainda o despojamento com que foi concebido o espetáculo e a qualidade do diálogo bem escrito. *Alice* foi o espetáculo de maior repercussão do grupo com diversas matérias em jornais de circulação em Pelotas e Porto Alegre. Na capital foi indicado para ser o primeiro espetáculo da temporada de 1985 nas sessões especiais do teatro de Fim de Semana da Subsecretaria de Cultura. A criação esteve em cartaz em duas temporadas em Pelotas e teve uma apresentação única em Jaguarão além das temporadas na capital. Essa foi a peça chave para o grupo, representava um marco decisivo em termos profissionais e alavancou a carreira dos integrantes.

De modo geral, o grupo foi muito elogiado e recebeu muitas críticas positivas por onde passou como visto no relato de Nelson Abbott de Freitas, no jornal pelotense *Diário Popular*, após assistir a peça.

É uma peça moderna de linguagem viva e palpitante, que carrega uma mensagem que espelha outras Alices soltas por aí cruzando caminhos também despreparadas e incompreendidas. E a mensagem chega mais fortalecida e humana pelo desempenho fluente do elenco, sob a direção segura e coerente de Cláudio Penadez. O espetáculo anda em ritmo harmonioso, abundante de dinamismo e espontaneidade. O elenco formado por oito atores, vivendo trinta e cinco personagens, é homogêneo e tem nível profissional, tal a desenvoltura e maturidade com que desempenham os papéis. Ágeis e comunicativos, os intérpretes fazem de um texto pesado, momentos agradáveis que não dão vez ao enfado e ao cansaço (FREITAS, 1984, p.5).

A passagem acima demonstra o perfil do grupo que buscava e se esforçava em fazer um teatro de qualidade. E ainda sobre a atuação do ator Lóri Nelson,

Lóri Nelson é um ator que se revela, carregando variados e diferentes personagens, como o moralista da TV, o cidadão do cachimbo, Castro

Alvares e o rei Babalau, entre outros, que permitem ao artista a demonstração de sua versatilidade. Seguro e natural em cada cena, Lóri Nelson se impõe no palco e, em alguns instantes, torna-se a atração principal (FREITAS, 1984, p.5).

Na crítica ao ator vemos a capacidade de atuação e desempenho positivo em cena desde o início de sua carreira. Muitas matérias foram vinculadas nos meios impressos divulgando o trabalho do 20 prás 8. Comprometido e batalhador, o grupo foi reconhecido por seus espetáculos, o que gerou a consequente abertura de novas oportunidades e levou os integrantes a se separarem e seguirem caminhos diferentes. Foram quase cinco anos de uma incansável busca pela arte e valorização desta em meio a dificuldades como a falta de recursos financeiros em um período em que Pelotas não oferecia condições propícias ao desenvolvimento da classe artística, não havendo nem sequer teatros abertos. O 20 prás 8 lá no Mauá foi um grupo idealista, dinâmico e que encarou o teatro e a arte em geral com muita seriedade e profissionalismo, sempre criativo e atento às questões atuais de sua época, disposto a levar a discussão ao público e estimular a reflexão e que com certeza marcou sua época.

4.2 Teatro do Sol: Um sonho que se tornou realidade

Desde o início de seu caminho com a arte, objetivando ser um ótimo ator, Lóri Nelson almejava ser o melhor naquilo que fazia. Buscava e ainda busca, e trabalha em direção a isto, criar um método de trabalho para o ator brasileiro. Juntamente a todo o processo de aperfeiçoamento outro ponto importante foi se desenhandando, o espaço de trabalho. Constituir um local onde fosse possível fazer, ver, falar, respirar arte foi um sonho muito presente e que se tornou realidade em 2001.

Em parceria com Lara Bittencourt e Elisa Lucas criou-se o espaço artístico Teatro do Sol, localizado no Balneário Cassino. Como um espaço cultural alternativo, a iniciativa abarcou teatro, música e poesia, entre outras atividades. O prédio foi cedido pela Secretaria de Justiça e Cultura do Estado, um prédio estilo teatro de arena, localizado no canteiro central da Avenida Rio Grande esquina com a Rua Uruguaiana, onde anteriormente havia funcionado o Centro Integrado de Segurança Pública (CISP).

Ao se reencontrarem, após um período em que cada um buscava seu caminho na arte, Lóri, Lara e Elisa identificaram-se com uma mesma linha de pensamento e resolveram colocar em prática seus estudos e crenças em relação ao trabalho de ator. O espaço Teatro do Sol, inaugurado no dia 26 de janeiro de 2001 foi criado com a expectativa de reunir artistas rio-grandinos e da região, fazendo e oferecendo arte e cultura à população local e visitante.

Como um ponto de encontro cultural do balneário Cassino, o espaço tinha por objetivo manter um caráter permanente de oficinas para a formação artística e cultural da comunidade, além de promover atividades no bairro. Segundo Lóri Nelson, a iniciativa era a de popularizar a arte e levar até o público a oportunidade de prestigiar artistas de diversas áreas.

No teatro foram ofertadas oficinas e realizadas apresentações de espetáculos produzidos pelo grupo e por artistas de fora. Abaixo estão listadas as atividades teatrais proporcionadas pelo espaço ao seu público durante uma

trajetória de três anos, de 2001 a 2003, registradas nos jornais locais de Rio Grande e do Cassino⁶.

Apresentações teatrais	Artistas
<i>A Traição!? Um amor que tinha tudo para dar certo.</i> 26/jan/2001	Lóri Nelson e Elisa Lucas. Direção: Lara Bittencourt
<i>Shakesperianos</i> 19/fev/2001	Grupo de Teatro Sobrinhos de Shakespeare
<i>Um amor que tinha tudo para dar certo</i> 18/fev/2001	Lori Nelson e Lara Bittencourt
<i>Teatro Poesia Não são palavras mágicas</i> 23/fev/2001	Lara Bittencourt e Daniel Silva
Esquetes sobre o livro <i>Comédias da vida privada</i> , de Luís Fernando Veríssimo: <i>Com Licença por favor, Falando sério, Homens, Aquilo, A conquista, Enquanto dure, Presentes, Povo, Monólogo e Persuasão.</i> 1/dez/2002.	Bibiana porto, Camila Silva, Dania Gonçalvez, Douglas Caseiro, Fabiane Galiza, Fernando Porto, Gabriele Domingues, Italo Galiza, Juliana valente, Luciane Ávila, Natalia Martins, Patricia Arrieche, Rodrigo Rocha, Rossana Ruch e Sara Luzzardi
<i>Boa noite Solidão</i> 17/fev/2003	Os Sobrinhos de Shakespeare

A programação teatral contou com a oficina “Ator e método”, de Lóri Nelson, um trabalho que já vinha sendo desenvolvido desde 1998 junto ao teatro Municipal de Rio Grande para atores profissionais. As oficinas foram projetadas para acontecerem no período de veraneio possibilitando aos turistas desfrutar dos aprendizados. Num primeiro momento foram realizadas três vezes na semana, todas as segundas, quartas e sextas-feiras. Ao longo da trajetória do espaço e desenvolvimento das atividades foram abertas turmas em diferentes horários e com público direcionado. O trabalho possibilitava ao aluno experientar através da improvisação sua atuação no palco, e o trabalho que inicialmente era desenvolvido para atores profissionais foi adaptado também para iniciantes. O principal objetivo era estimular o relacionamento de grupo e o espírito coletivo.

Outra oficina importante de teatro foi ministrada por Daniel Silva que a partir de sua participação junto ao grupo vinculado à UNICAMP desenvolveu um trabalho acerca das metodologias do LUME.

⁶Os registrados de jornais, do acervo de Lóri Nelson, foram gentilmente disponibilizados para esta pesquisa. A fim de deixar o texto das tabelas mais objetivo, optou-se por colocar as referências dos jornais apenas no final do TCC.

Oficinas teatrais	Ministrante
<i>Ator e método</i> ⁷	Lóri Nelson
<i>LUME</i> 5 à 8/mar/2001	Daniel Silva

Na música houve programação intensa, desde apresentações até oficinas de formação com artistas:

Apresentações musicais	Artistas
<i>Muro de papel</i> 25/jan/2001 17/jan/2002	Angelo Vigo. Participação: violinista, compositor e multi-instrumentista Gilberto Oliveira
Pré-lançamento do CD <i>Alma</i> 20/fev/2001	Carlos Garcia. Participação: guitarrista Mauricio Cunha
Show Musical 24/fev/2001	Carlos Garcia. Participação: Beto Federal
Encontro de poetas músicos <i>Vestígios da Lua</i> 29/jun/2001	Beto Federal, Miguel Isoldi e Angelo Vigo
<i>Reggae da praia</i> 28/fev a 1/mar/2003	Chico Padilha e banda
<i>Cordas pra que te quero</i> 21 e 22/mar/2003	Gilberto oliveira
Show poético <i>Segunda paisagem</i> 28 e 29/mar/2003	Angelo Vigo
Show instrumental de violão 4/mai/2003	Mauricio Mendonça
<i>Lembrar e cantar</i> 30 e 31/ago/2003	Beto Federal, Zé Caradípia e bandas
<i>Recital de primavera</i> 26/out/2003	Jader Teixeira e alunos. Convidado especial: Luciano Nazário

Outras atividades com a música que podemos destacar foram oficinas e encontros entre artistas:

Atividades	Artistas
Oficina de violão, guitarra e contrabaixo, estudo de harmonia, método cífrado-prático e eficiente e noções de teoria. ⁸	Carlos Garcia

⁷Desenvolvida em diversos períodos durante toda a trajetória do espaço cultural.

<p><i>"Mutirão musical"</i> – arrecadação de fundos em prol do sindicato</p> <p>7,14, 21, 28/set/2003</p>	<p>Sindicato dos Músicos</p>
---	------------------------------

Dentro do espaço Teatro do Sol alguns projetos se desenvolveram na área da música: Ensaio Geral, Tapete Mágico e Outono Instrumental. O Ensaio Geral, proposta dos músicos Mauricio Cunha e Carlos Garcia, coordenadores do projeto, foi criado com intenção de levar apresentações de músicos rio-grandinos quinzenalmente ao público. Mesclando músicos experientes e iniciantes, a atividade teve o apoio da Secretaria Estadual da Cultura e conforme opinião dos organizadores superou expectativas. Abaixo a relação das apresentações do ano de 2001 até 2003 encontradas em matérias de jornais disponibilizadas pelo nosso ator:

Shows do projeto Ensaio Geral	Músicos
<i>14º</i> 15/jul/01	Paula nascimento
<i>15º</i> 29/jul/01	Miguel Isoldi. Participação: guitarrista Fernando Amaral
<i>16º</i> 12/ago/01	Renato Machado
<i>17º: "Esse rio sou eu"</i> 26/ago/01	Angelo Vigo. Participação: músicos locais.
<i>18º</i> 9/set/01	Guitarras de Mauricio Cunha e Alessandro Lima
<i>19º</i> 23/set/01	Grates Martins Costa
<i>20º: edição comemorativa</i> 14/out/01	Presença dos artistas das edições anteriores

Seguindo a linha musical, o projeto Tapete mágico buscou integrar o artista local à comunidade rio-grandina-cassinense. Promovendo atividades artístico-culturais totalmente voltadas para a valorização do artista, integrado com o seu ambiente natural e sua preservação, ofereceu um espaço de lazer acompanhado da proposta “Viver o Cassino o ano inteiro”.

⁸A oficina aconteceu em diversas datas durante o período de funcionamento do espaço artístico Teatro do Sol.

Shows do projeto Tapete Mágico	Músicos
Acústico <i>Tropeçar nas nuvens</i> 26/mai/2002	Beto federal e banda
<i>Rock Roll vai ao teatro</i> 9/jun/2002	Alessandro Lima, Mauricio Cunha e Oscar Amarante
Show musical 23/jun/2002	Gilberto Oliveira
<i>Por de trás das alamedas</i> 7/jul/2002	Angelo Vigo
<i>Ruas e Rugas</i> 21/jul/2002	Renato Machado
<i>Quer o dom</i> 4/ago/2002	Paula Nascimento
<i>O diário de Júlia Souza</i> 18/ago/2002	Gratus Martincosta
<i>Pra ser feliz</i> 1/set/2002	Chico Padilha
<i>No limite do espelho</i> 22/set/2002	Indio Benevenuto
<i>Vide verso</i> 13/out/2002	Fio. Participação: Gilberto Oliveira
Show musical instrumental 3/nov/2002	Jader Teixeira
<i>Coletânea Tapete Mágico</i> 17/nov/2002	Participação dos artistas que se apresentaram nas 13 edições do projeto.

O Outono Instrumental, com o objetivo de estimular a produção de shows instrumentais na região, levou até ao público quatro apresentações, uma por mês durante os meses de maio a agosto de 2003, todos com entrada franca. As atrações:

Shows do projeto Outono Instrumental	Músicos
<i>Jazz Instrumental</i> 18/mai/2003	Trio Boca de Siri
<i>Recital de Outono</i> 15/jun/2003	Mestre Jader Teixeira e convidados
<i>Cordas pra que te quero</i> 20/jul/2003	Gilberto Oliveira e Marquinho Fê
<i>Intuição</i> 10/ago/2003	Mauricio Cunha e a banda Piranhas Verdes

Um traço marcante em relação ao Espaço Teatro do Sol e seus artistas claramente identificado em uma análise das matérias impressas e na fala do artista Lóri Nelson é a grande integração com a comunidade. Desde a matéria nos

jornais até o relato do ator, é nítida a grande proximidade desenvolvida entre o espaço de arte e a sociedade que o circunda. Um exemplo forte é a escola Silva Gama, localizada no Balneário, bem próxima inclusive do espaço artístico, que firmou muitas parcerias com este, possibilitando levar arte aos seus alunos, a comunidade escolar e ainda participar da vida artística da sua localidade.

Não só atividades artísticas estiveram presentes na trajetória do Teatro do Sol, mas muitos eventos educativos e culturais em outras áreas, como pode ser visto na tabela abaixo:

Exposições	Artistas
Exposição fotográfica <i>Transformação. Veios Naturais.</i> 7 a 27/abr/2001	Maninho dos Santos
Exposição fotográfica <i>Êxodos</i> 19 a 26/out/2001	Sebastião Salgado
<i>Exposição comemorativa do teatro do Sol</i> – dois anos popularizando a arte: espetáculos, música, poesia, oficinas de arte, exposições, debates, palestras e encontros. 15/nov/2002	Concepção: Célia pereira, Fabiane Pianowski e Iara Lammerhit

As exposições escolares:

Exposições escolares	Instituição
<i>Nosso ambiente, nossa identidade</i> 02 a 09/jun/2001	Autoria dos alunos dos colégios Silva Gama, Brigadeiro José Silva Paes e Bibiano de Almeida
<i>História do Cassino</i> – valorização da identidade local das comunidades 08 à 10/mar/2002	Proposta: 18º CRE. Realização: escola Silva Gama
<i>Cartão postal</i> 25/out à 02/nov/2002	Realização: Escola Silva Gama. Confecção dos postais: alunos

E ainda outras atividades:

Projeto	Instituição
Projeto <i>Integração</i> , antigo <i>Segurança nas escolas</i> Atividades: coral, dança, teatro, jardinagem e capoeira 6/ago/2001	

Projeto <i>Patrulha ambiental</i> – atividades de educação ambiental (sessões de vídeo, exposição de fotografia, painéis educativos, distribuição de folders) 23 e 28/fev/2002	Unidade de Meio Ambiente da SMAPMA
1º <i>FESTGAMA</i> – apresentação de bandas escolares de diversas localidades do Rio Grande do Sul, com brechó para aquisição de fundos para instrumentos para a Banda Marcial Tradicional Silva Gama 10/ago/2002	Banda Marcial Tradicional Silva Gama
Instalação artística <i>Poço dos desejos</i> 7 e 8/set/2002	Alunos da escola Silva Gama. Organização: Luciane Goldberg e Célia Pereira
<i>Semana do meio Ambiente</i> – roda de chimarrão com reflexões ambientais e exposição de trabalhos sobre a conjuntura local com vistas ao desenvolvimento sustentável 8/jun/2003	Centro de Estudos Ambientais (CEA). Parcerias: lideranças do município, sindicatos dos Bancários e dos Trabalhadores em Educação(SINTERG)
Vídeos <i>O caso do policial Jose e Uma visita à casa de Vovô Nelson</i> 24/jul/2003	Jorge Souza
Lançamento do livro conto-prosa-poesia <i>Quebra-cabeças de mim</i> 20/set/2003	Maria Luisa Da S. Piazzum
<i>Encontro entre artistas</i> – bate papo aberto a comunidade (s./d.)	Artistas e comunidade

Aconteceram também parcerias com instituições como a FURG. Um evento do curso de Oceanologia, a Feira “Oceano Mix”, por exemplo, ocorreu entre os dias 17 e 24 de junho de 2001. Com uma programação atraente e variada, a 14º Semana Nacional da Oceanologia teve a promoção dos alunos da faculdade:

Atividades	Profissionais
<i>Show de violão e voz</i> 22/jun/2001	Guilherme Curi
<i>Performances escatológicas</i> 22/jun/2001	João Bosco B.
<i>Apresentação musical</i> 23/jun/2001	Bandas punk-rock e hardcore
<i>Arte da culinária natural</i> 24/jun/2001	Terapeuta natural Patricia Votto Gomes
<i>Swasthya Yoga</i> 24/jun/2001	Leandro Vignoli
<i>Tempo para Infância</i>	Atividades recreativas para crianças

24/jun/2001

O espaço artístico Teatro do Sol pode ser identificado a partir de uma análise de sua trajetória na cena artística e cultural do balneário Cassino como um espaço multicultural. Proporcionou ao público atividades em diversas áreas, permitindo o estreitamento dos laços entre artista e comunidade. Como um espaço de convivência, além de produzir e levar arte a uma plateia, levou para dentro dele os artistas locais. Valorizando os seus trabalhos proporcionou ao público a possibilidade de entrar em contato com diversas linguagens artísticas e ainda vivenciar o processo de criação a partir de oficinas e curso específicos em cada área. No âmbito geral, aproximou a comunidade de um espaço que não só foi artístico, mas que permitiu muitos diálogos através da abertura para atividades pertinentes à formação cidadã.

Em sua trajetória podemos ainda destacar um momento de importante relevância para o momento cultural vivido na localidade, a entrega dos troféus dos Melhores do verão 2001. Este evento de premiação contemplava os vinte nomes de maior relevância entre os acontecimentos e empresas em destaque durante a temporada de verão. Naquele ano, em uma bela cerimônia de entrega dos troféus, com jantar e coquetel à beira da piscina da Casa do Marinheiro do Rio Grande, o Teatro do Sol foi contemplado no setor de cultura, marcando brilhantemente o início de sua trajetória, já no primeiro ano, em sua primeira temporada de atividades.

 — P O R T F O L I O
assessoria & comunicação

Rio Grande, fevereiro 2001.

Prezado (a) Amigo (a)

Durante esta temporada o colunista Eduardo Soares, semanalmente atuando no Jornal Agora, Rádio Oceano Fm e RBS TV acompanhou e tornou público os principais acontecimentos sociais, esportivos, culturais, e de lazer do verão. Através deste trabalho, informou à comunidade, Ao chegarmos próximo final da temporada, onde pessoas como Vossa Senhoria participaram ativamente da realidade desta praia/cidade, gostaria de parabenizá-lo (a). Nesta oportunidade informo-lhe que no dia 10 de março durante grande jantar, cujo local será posteriormente informado, estarei entregando o Prêmio "MELHORES DO VERÃO 2001", para V/Sa, por seu trabalho dedicado em sua área de atuação:

9º aniversário do Solte CULTURA
Sua participação desempenhou importante papel no calendário social do Rio Grande do Sul este verão.

Cordialmente,

Eduardo Soares

Figura 11 - Comunicado oficial ao Teatro do Sol sobre sua participação nos Melhores do verão 2001.

Infelizmente em 2005 o espaço Teatro do Sol foi fechado. Segundo os relatos de Lóri Nelson a companhia sempre defendeu as bandeiras de popularização da arte e a autogestão de espaços culturais. Estes objetivos foram questionados por um grupo de artistas e produtores culturais que viram no espaço uma oportunidade de negócio. Aconteceu uma pressão política para que a proposta do espaço fosse revista e que este fosse devolvido de maneira que possibilitasse que outros grupos usufruissem o local através de licitações. Houve uma mobilização dos artistas para continuar com o espaço em funcionamento da maneira que ocorria, mas em pouco tempo as atividades foram encerradas e não houve nenhuma iniciativa de atividade para o local que se mantém fechado até os dias atuais.

Apesar do fechamento do espaço do Teatro do Sol, Lóri Nelson e Lara Bittencourt seguiram seu caminho juntas, dando continuidade ao trabalho da Cia. Hoje em dia, os artistas oferecem ao público um repertório de seis espetáculos. Os trabalhos são dirigidos e elaborados por Lóri Nelson e Lara Bittencourt, esta também responsável pela parte administrativa e burocrática do grupo. A Cia conta com três trabalhos desenvolvidos em dupla, o projeto *Circo dos palhaços*, dentro do qual se desenvolvem *O gran circo pequeno*, no qual dois palhaços contam histórias; *Palhaços em festa junina*, em que os palhaços ensinam a fazer e brincam de festa junina e a esquete *Saindo atrasado*, que se insere dentro do projeto Teatrânsito.

O repertório conta ainda com dois solos de Lóri Nelson, *O petit do palhaço*, espetáculo em que Bolaxa conta a história do *Pequeno príncipe* e a *Gaivota diferente*, baseada na *Gaivota*, de Fernão Capelo. Lara possui também dois solos, *Copo de água* e outro baseado no filme *A hora da estrela*. Neste ano de 2015 a companhia dá vida a um novo espetáculo, *Leque*, que recebe os últimos ajustes antes de entrar em cena. Juntos, os artistas desenvolvem oficinas de teatro baseadas na metodologia para o trabalho de ator que norteia seus treinamentos e sobre a palhaçaria.

A Cia Teatro do Sol adota como principais referenciais para o trabalho Stanislavki, Eugênio Kusnet, LUME e Augusto Boal. Nascida com a proposta de pesquisar e estudar o ator brasileiro, hoje é uma companhia de repertório, alternativa, que utiliza a rua não só como local para apresentação, mas de ensaio.

Não há sede e o trabalho é desenvolvido em uma praça no balneário do Cassino, próximo a residência dos integrantes.

Recebendo o nome de Teatro do Sol, em função da expressão cunhada por Eugênio Kusnet de que o ator é o sol do teatro, sendo este, então, o elemento principal para esta arte, a companhia desde a criação do espaço, sua origem, buscou o estudo, a pesquisa e um intenso trabalho em torno do treinamento do ator. Sem objetivos comerciais, buscou a troca com vários profissionais e proporcionou muitos cursos aos seus integrantes e público em geral. Profissionais comprometidos com a arte, Lóri e Lara desenvolvem um trabalho grandioso frente à companhia, tendo como carro chefe seus palhaços e a grande bagagem de atores engajados e ativos frente à cultura em nosso País. Enquanto estrutura de grupo, seguiram pelo caminho da pesquisa e realização de um teatro possível, usando o mínimo de recursos cênicos e levando como princípio básico o teatro como arte do ator, com ênfase nas potencialidades do corpo.

4.3 O palhaço Bolaxa

O palhaço Bolaxa é um palhaço que fala dos dias de hoje. É um palhaço que fala de mim e do meu trabalho e que também fala do animal do ser humano e do quanto a gente também é amoroso. E o principal contato com seu público é o sorriso. Esse é o Bolaxa. (NELSON, 2015)

De camisa branca, calça com suspensórios e um paletó, suas meias coloridas, gravata borboleta, um nariz vermelho e sapatos característicos acompanhados de um largo sorriso e simpatia, lá vem o Bolaxa com seu chapéu. Carrega consigo uma mala de trabalho com objetos cênicos que o auxiliam a narrar a imensidão de histórias contidas nos livros e contadas de uma maneira contagiente e própria.



Figura 12 – Palhaço Bolaxa

O início do trabalho em direção ao palhaço deu-se em 2004, em um estudo desenvolvido junto a artista circense Simone Mattos. Nesta fase inicial não havia maquiagem e nem o nariz, características utilizadas a partir da pesquisa de diversos tipos de palhaços. O ator desenvolvia o palhaço Jone, um palhaço voltado ao público adulto com o qual estreou o espetáculo *A gran artista Constança Mendonça e seu partner brasileiro*.

Em meados de 2007, após o fechamento do espaço artístico Teatro do Sol, o artista buscou um novo lugar para seguir seus ensaios e começou a desenvolver um novo trabalho, uma personagem contadora de histórias. Relata

ele que, na sua primeira apresentação, no intervalo entre o ensaio e o espetáculo teve um *insight*: E se meu palhaço contasse histórias? A partir daí começou a trabalhar em cima do palhaço contador de histórias.

Em uma segunda etapa de seu percurso foi trabalhar com Alexandre Coelho⁹, que na época fazia parte do grupo espanhol El Estupendos estúpidos. Com ele, Lóri fez oficinas com base no treinamento do LUME e intensificou então seu trabalho corporal e vocal, que se tornou referência para a construção do seu *clown*. Neste momento, introduziu o nariz e a maquiagem na composição da personagem.

Alexandre Coelho veio ao Brasil promover oficinas sobre *clown* e Lóri foi participante em três oficinas com o artista, duas de *clown* e uma de bufão. Surgiu, inclusive, o convite de Alexandre para o ator rio-grandino ir trabalhar com ele na Europa, mas este não aceitou e seguiu seu caminho por aqui. Por indicação de Coelho, então, Lóri foi atrás do LUME e de Ricardo Pucetti, que foi professor dele e será de nosso artista. Começou assim, em 2009, a trajetória de estudos junto ao grupo, quando Lóri foi para Campinas atrás do curso de *clown*, mas acabou por fazer *O ator na rua*, primeiramente.

Junto ao grupo, estudou os processos de elaboração, codificação e sistematização de técnicas corporais e vocais de representação para o ator. Passou por oficinas e apresentações dentro do LUME, que tem a exploração do ridículo como diretriz para o trabalho de *clown*.

O Bolaxa, palhaço de Lóri Nelson, leva o nome de uma localidade do Cassino e sobre a escolha o artista relata:

Eu frequentava uma academia e eu ensaiava o Bolaxa ali. E o que era ensaiar o Bolaxa? Eu tinha uma ideia do que eu pensava e eu ficava andando. Primeiro eu andava, me exercitava, tentava criar pequenos números. Me colocava uma disciplina diária de treinamento. Ele ainda não tinha nome e aí as pessoas diziam: aquele palhaço lá do Bolaxa. Eu escutei e opa, Bolaxa, o nome de onde comecei. (NELSON, 2015)

Colocando o nome de seu palhaço de Bolaxa, então, em homenagem ao lugar onde começou a trabalhar, Lóri criou uma figura emblemática que carrega consigo os ridículos do ator, assim como busca um diálogo com o público.

⁹ Artista nascido em Jaguarão, ainda criança mudou-se para Pelotas, participando de grupos locais como Usina e Oficina.



Figura 13 – Bolaxa junto a placa da localidade a que se atribui o seu nome

Em relação ao modo de ensaio, ele conta que um exercício muito marcante durante a sua participação com o LUME foi o de caminhada, uma caminhada, que ele nos diz não é um caminhar normal, mas teatral, com inserção de objetos e a exploração de diversas formas de fazer suas ações, correndo, pulando, se locomovendo energicamente pelo espaço.

Trabalhando há anos com o palhaço, este é seu projeto de pesquisa e atual carro chefe da Cia teatral Teatro do Sol. O palhaço Bolaxa, um contador de histórias, tem como suas diretrizes os estudos de Kusnet e Burnier.

O *clown* tem em sua essência não só a *gags* do palhaço, ele vai além disso, fala de um personagem que é construído. O ator é um pesquisador e fala das coisas dos dias de hoje, das pessoas, fala com a sociedade. Não é um palhaço perdido no riso, na brincadeira. Ele é um palhaço que junta alegria e reflexão. (NELSON, 2015)

De maneira geral as pessoas têm uma visão equivocada do que é o palhaço. Quem olha de fora imagina uma figura com sua maquiagem, roupas diferentes e engraçadas, com as brincadeiras e muitas vezes não imagina o trabalho que há por trás, o estudo, a pesquisa, o tempo que é empregado na busca daquele produto que está sendo apresentado, pensado e estudado com um objetivo específico. O palhaço é uma figura milenar, presente em muitas culturas, mas infelizmente ainda sofre muito preconceito nos dias de hoje em virtude de seu caráter farsesco e despojado.

O palhaço não se resume ao nariz vermelho e a animação. Sua essência é a alma do ser humano, o seu interior e não só de alegria é feita essa figura. O famoso personagem do circo, por muito tempo tão preso a este vem de muito longe, viveu em muitos lugares desde a Grécia e Roma antiga, passou por muitas épocas, se destacou na Commedia Dell arte e muitas feições possuiu. Uns o conhecem por palhaço e há quem chame de *Clown*, uns dizem que o lugar dele é no circo, outros o encontram pelas ruas, praças e pelos mais diversos espaços. A maioria ri, alguns choram e têm medo e assim o público se divide na afeição pelo palhaço. Mas quem é o palhaço? O que é o *clown*?

Primeiramente, os dois são o mesmo. Apesar das distinções feitas, das tentativas de dividir em duas categorias essa figura, o que se considera segundo Luis Otávio Burnier é que palhaço e *clown* são termos distintos para designar a mesma coisa. Os dois diferenciam-se apenas nas linhas de trabalho, uns se importam mais com os números a serem apresentados e outros com o como fazer, ressaltando um caráter mais individual, a sua personalidade. Segundo Burnier ainda, se diferem também nos espaços em que trabalham, característica que influencia diretamente na maneira que desenvolvem a sua apresentação.

De acordo com o exposto pelo artista, o *clown* é a exposição do ridículo e das fraquezas de cada um, é um tipo pessoal e único. Com um trabalho de criação muito pessoal do ator, uma vez que este utilizará como matéria prima o seu interior e aquilo que está ou que foi deixado escondido dentro de si, ele não é uma personagem, mas a alma, a própria essência de quem o cria. Revelando as fraquezas, as contradições e sensibilidades, ele expõe o ridículo, aquilo que todo mundo quer esconder, resgatando assim a simplicidade e as ingenuidades inerentes ao ser humano.

Podemos dizer assim que a essência do *clown* é a essência da vida. No trabalho de Julio Cesar Almeida Rebello, *A essência do Clown, a essência da vida*, ele nos reforça muito bem essa questão a respeito dessa figura tão peculiar.

O *clown* mostra a humanidade “perdida” dentro de cada indivíduo, mostrando de maneira singular valores que a sociedade perdeu e continua perdendo pouco a pouco [...] retoma aquilo que há de mais singelo, que ficou guardado por algum motivo, aquilo que existe de mais verdadeiro (REBELLO, 2011).

Portanto, espontaneidade e crítica pessoal podem ser destacadas como característica do trabalho clownesco. Ser *clown* significa se arriscar, afinal o ator

não está representando e sim, sendo ele mesmo com suas fraquezas, sua simplicidade, com aquilo que muitas vezes queremos esconder em evidência. Muitos estudos são desenvolvidos em torno desta figura simbólica que, diferente do que estamos acostumados a presenciar, lida e expõe o ridículo, as fraquezas do ator e justamente por isso vem a possibilitar que cada um possua características particulares e individuais.

Eu queria criar um palhaço com conteúdo, e eu já havia trabalhado com Boal, com teatro invisível e fórum e aí adotei a ideia ao meu palhaço. Aí te pergunto, o palhaço é só um palhaço? Não. O meu palhaço é um palhaço Boal. Ele sempre leva algo para discutir, contribuir, trocar com o público. É um palhaço diferente que não é só gags. (NELSON, 2015)

Na busca e aperfeiçoamento constante de seu palhaço, na junção das teorias para elaboração do trabalho, Boal se faz presente e é uma referência importante. Augusto Pinto Boal, dramaturgo, diretor e teórico, nascido em 1931 no Rio de Janeiro, formou-se em Engenharia Química e paralelamente escrevia para teatro. Estudou dramaturgia na School of Dramatic Arts em Nova York e ao voltar para o Brasil, em 1956, integrou o teatro de Arena em São Paulo. Sua estreia como diretor se deu com a montagem *Ratos e homens* e seu primeiro texto encenado foi *Marido magro, mulher chata*, uma comédia de costumes.

Boal buscou um teatro voltado à realidade brasileira e sugeriu, então, o Seminário de Dramaturgia, de onde surgiram novos textos dos próprios integrantes do Arena. Com *Eles não usam Black-tie*, de Guarnieri, o Arena causou uma revolução no teatro brasileiro. Em 1971, o dramaturgo foi preso e exilado por conta do regime militar e rumou para a Argentina, onde começou a desenvolver as bases teóricas do Teatro do Oprimido. Desde então morou no Peru, Equador, Portugal e Paris, voltando ao Brasil definitivamente em 1986. Foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 2008 pelo trabalho com o Teatro do Oprimido e nomeado embaixador mundial do teatro pela Unesco em 2009, vindo a falecer neste mesmo ano em virtude de uma leucemia.

Como uma das principais figuras do teatro brasileiro e também internacional, Augusto Boal fundou o Teatro do Oprimido, que alia teatro à ação social. Em 1981, promoveu o I Festival Internacional de Teatro do Oprimido e quando retornou ao País para ficar, iniciou a Fábrica de Teatro Popular com o objetivo te tornar acessível a todas as pessoas a linguagem teatral, criando, então, o Centro do Teatro do Oprimido (CTO). O CTO desenvolve a pesquisa e a

difusão da metodologia criada por Boal e tem por diretriz a democratização dos meios de produção cultural, estimulando a participação de todo o cidadão, dos oprimidos, em busca da transformação da realidade a partir do diálogo.

No desenvolvimento de sua teoria e prática, o autor priorizou o teatro como um agente transformador da sociedade a partir da discussão da realidade desta, das opressões vividas, em direção a uma tomada de consciência e mudança de fato. Criou técnicas e exercícios que permitem ao espectador não ser somente um observador, mas agir, colocar em ação suas ideias. Dentro das Técnicas desenvolvidas por Boal estão o *Teatro-Fórum*, *Teatro imagem*, *Teatro Invisível*, *Teatro Jornal* e *Arco Iris do Desejo*, todos permitindo a aproximação e participação da plateia na ação. Contrário a todas as formas de opressão, o Teatro do Oprimido é um teatro político, libertário e transformador que vai até o cidadão e muda a sua realidade, já que ele age como protagonista da ação e não como mero espectador, mas sim um “espect-ator”.

A partir do conhecimento destas técnicas, qualquer pessoa pode fazer teatro. Partindo do princípio defendido por Boal, qualquer um de nós pode atuar, essa é uma capacidade pertencente a nós e que coloca, então, o teatro ao alcance de todos. O Teatro do Oprimido permite a livre expressão e coloca a ação em qualquer lugar, na rua, na escola, na universidade, fóruns e todos os espaço onde se proponha uma discussão acerca da vida cotidiana, permitindo que qualquer pessoa tenha acesso a linguagem teatral e que possa se posicionar frente à sociedade e suas questões. O método vai contra a elitização do meio teatral, defendendo a popularização da arte.

Baseado no conceito de popularização da arte, na ideia de levar o teatro para qualquer lugar, para o supermercado, barzinho, sindicato, escola e todos os locais possíveis, assim como dialogar com todas as pessoas, Lóri Nelson apresenta seu trabalho. Uma maneira inspirada em Boal, mas distinta de seu método, um teatro que vai até o público e não leva somente diversão, mas conversa com o espectador.

O Bolaxa faz palhaçadas, brinca, conta histórias e tem como um diferencial a aproximação com os livros. Resultado de uma experiência de mais de vinte anos como ator, o palhaço Bolaxa tem como objetivo estimular a imaginação através do teatro e da literatura. Como inspiração para a composição deste *clown*,

Lóri faz menção ao palhaço Carequinha, ídolo de sua infância, que sempre chamou à sua atenção para a maneira de ser palhaço e para o mundo alegre e contagiente do circo.



Figura 14 – Bolaxa se apresentando

Utilizando a literatura ele se aproxima da rua e aproveita os seus estímulos com tudo que ela oferece, interagindo com o espectador e oferecendo sua arte de uma maneira contagiente e com personalidade própria. Fazendo um teatro com o mínimo de recursos cênicos, apenas uma mala e os adereços necessários para contar a história escolhida e seu corpo, o Bolaxa apresenta-se em espaços não convencionais, praças, debaixo de uma árvore, na praia, nas calçadas etc.

As histórias contadas acompanham sempre o livro, mas não são reproduzidas de modo necessariamente fiel. O trabalho inclui um estudo e interpretação da fábula, que é apresentada a partir da versão do palhaço, de como ele entendeu a história. O objetivo do projeto é estimular o interesse pelos livros, conscientizando as pessoas sobre a importância da leitura.

Eu aprendi a não contar a história verdadeira, pois ninguém vai ler uma história que já contaram. Se há dificuldade de leitura e as pessoas vão e contam a história como ela é, vai se ter menos vontade ainda. Quer dizer, tem que se estimular a leitura, tem que se provocar, fazer alguma coisa que deixe a pessoa com vontade de ler aquele livro. O meu lance é contar

a história, mas contar por uma tangente, estimular a criança a ler (NELSON, 2015).

Dessa maneira, como citado por Lóri, o espectador é levado a se interessar pelo que diz no livro, por conhecer a história original e o que mais ela oferece, sendo estimulado ao mundo da literatura de uma maneira cativante. Ele cita ainda que na construção do espetáculo pega a história e a lê muitas vezes, para se apropriar e poder dar uma nova cara, adaptando-a aos dias atuais.

Eu pego a história e leio, leio, leio. E aí tento casar as ideias de hoje. O que está acontecendo na escola, por exemplo? Problemas de amizade, de *bullying*. Tento trabalhar, então, com temas vistos hoje em dia (NELSON, 2015).

Um exemplo claro que afirma a citação acima é o trabalho *A gaivota diferente*, desenvolvida pelo ator, na qual a personagem principal é uma gaivota gorda, maior que as outras, havendo um distanciamento das demais aves em relação a ela. Esta situação, se paramos para analisar, demonstra casos de discriminação e *bullying* presentes nas escolas e em outros espaços, que são problemas recorrentes em nossa sociedade.

Comprometido com seu trabalho, Lóri Nelson busca sempre estar atualizado com seu palhaço. Leva junto à Cia Teatro do Sol apresentações por diversos lugares. A rua é seu palco, participa de eventos, feira do livro em diversas cidades, vai à escola, sindicatos e universidade. Segundo o artista, o mestre de um palhaço é o mundo e como ele aprendeu em sua pesquisa e estudos acerca dessa figura emblemática, o lugar do palhaço é o picadeiro. Não o do circo no sentido literal, mas aquele por onde ele passar, os lugares nos quais ele se apresenta, que podem ser diversos e vão agregando valores e características próprias a cada um de acordo com as influências que vai entrando em contato.

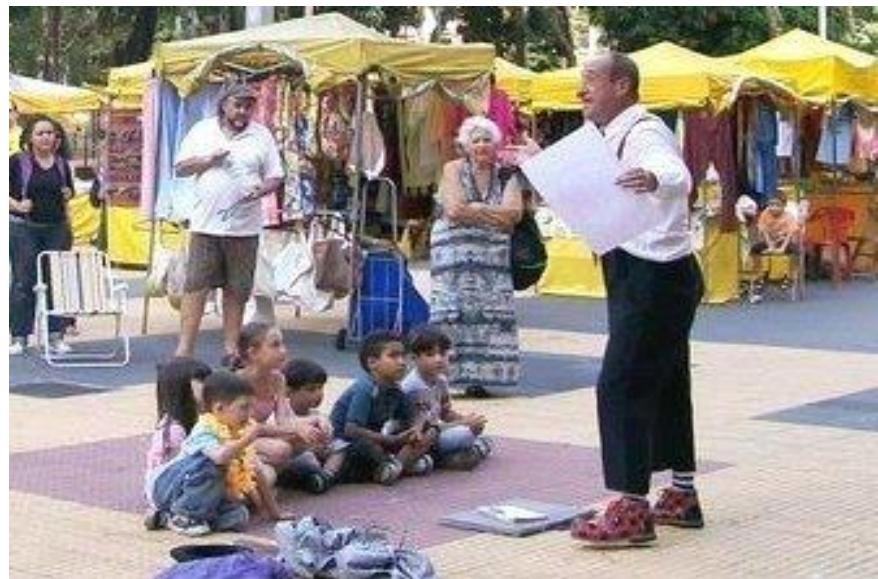


Figura 15 – Bolaxa se apresentando em São Paulo

Lóri Nelson diz que o Bolaxa é um palhaço pessoal, que é o seu ridículo exposto e que é a junção dos seus vinte anos como ator e o grande caldeirão do Teatro do Sol. Ele bebe nos grandes mestres de sua formação como ator, Eugênio Kusnet, Burnier e Augusto Boal. Construído no “picadeiro”, o seu palhaço tem suas características, identificadas por ele como desajeitado e sorridente. Um tanto atrapalhado, sua figura é construída em cima do erro e errando vai construindo, descartando o que não funciona e buscando sempre novas formas que funcionem na construção da sua prática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto podemos concluir alguns pontos chaves diante da trajetória de Lóri Nelson. Desde muito cedo, ele foi uma pessoa comprometida profissionalmente tanto na área jornalística como em sua carreira artística. Muitos foram os trabalhos e os grupos pelos quais Lóri Nelson passou. Militante nas questões pertinentes à arte segue até hoje na busca pela valorização da classe artística, sendo o representante da região sul do Estado no SATED/RS.

Cultivando um perfil de busca e aprendizado no campo da arte durante toda a sua vida, tem como característica principal de sua personalidade o gosto pelo estudo. Mantendo uma rotina que desde cedo cultiva, senta-se todo dia em sua mesa na sua sala de trabalho para ler. O ator preocupa-se em manter-se atualizado. Debruça-se sobre as oportunidades que surgiram em seu caminho e as desfruta da melhor e mais intensa maneira que pode.

Além da participação em seu primeiro grupo teatral, o 20 prás 8 lá no Mauá, passou por outros grupos, pelo cinema e pela televisão. O grupo 20 prás 8 marcou uma década na história do teatro Pelotense. Levou muita arte ao seu público, se propôs a inovar a arte teatral da época e se destacou por onde passou. Da cidade de Pelotas para temporadas na capital Porto Alegre e festivais em outras cidades, destacou-se pelo poder de autogestão, pelo trabalho e paixão pela arte, pontos que caracterizaram o coletivo.

Qualidade marcante de Lóri é o estreitamento do ator com outras áreas artísticas. Atuou no teatro, no cinema e na televisão e passou por companhias de dança. Fez e faz-se presente nas discussões acerca das políticas culturais como um artista comprometido que é, não hesitando em levar a frente projetos em que acredita desempenhando o papel de profissional responsável e comprometido com sua arte.

Quanto às influências em seu trabalho podemos citar pontualmente o mestre russo Constantin Stanislavski através de Eugênio Kusnet, o grupo LUME e Augusto Boal. Pode-se identificar ainda características de militância e vivência teatral captados de sua experiência com o Ói Nós Aqui Traveiz.

Da participação com o LUME, o artista destaca o fato de que lhe ensinaram sobre o treinamento, sendo este fixo para toda vida. Anteriormente havia uma

prática de ensaio e apresentação na rotina do ator, mas não um preparo constante do corpo, que deve ser uma prática diária da profissão. Tendo-se espetáculo ou não, o ator deve fazer a manutenção da sua ferramenta de trabalho, numa relação estreita entre o individual e o coletivo.

Outro aspecto, relevante e importantíssimo, adquirido na passagem pelo grupo foi aprender a ser generoso. Exatamente, o LUME, como dito nas palavras de Lóri Nelson, ensinou o artista a capacidade de ser generoso e a exercitar e manter esta prática. Não com aulas teóricas, mas com uma prática inseparável da vida, do ser generoso que encontrou junto aos profissionais, diferente da realidade a que estava acostumado. Para o mestre Simioni, a generosidade é um conceito a ser treinado e aprendido, executado diariamente nas nossas vidas.

Bebendo diretamente nas teorias de Kusnet quanto ao trabalho de ator, Lóri Nelson baseia seu treinamento no *Ator e método*, levando como premissa a ideia de que o ator é o sol do Teatro, o centro. Atualmente, os processos criativos do artista junto à Cia Teatro do Sol unem os conceitos relacionados ao trabalho de ator aos de popularização da arte. A Cia leva o teatro para a rua, para lugares alternativos proporcionando que qualquer pessoa possa assistir, seguindo um ideal de trabalho com o mínimo de recursos cênicos, facilitando a produção e tornando viável levar a sua arte para onde quiser: “barzinho, sindicato, praça, a rua, esse é o teatro que a gente faz, esse é o Teatro do Sol” (NELSON, 2015). Frente ao Teatro do Sol, Lóri sempre levantou as bandeiras da popularização da arte e a autogestão de espaços culturais.

O Bolaxa é um trabalho de vida de Lóri, o qual traduz toda a sua trajetória de mais de vinte anos, é o trabalho onde ele deposita sua experiência da vida como ator e a Cia Teatro do Sol, que possui uma estrutura mínima, carrega consigo a essência da pesquisa teatral e busca fazer um teatro possível de ser levado a qualquer espaço.

Alguns momentos marcaram sua vida. Ele cita, além de experiências já citadas neste texto, as apresentações nas ruas de São Paulo, que produzidas por Lara Bittencourt em 2011, proporcionaram ao ator a sensação de se sentir efetivamente um ator de rua. Acontecidas após seu aprendizado com o LUME, fizeram com que o ator dividisse a praça com outros artistas e que assim como eles fosse prestigiado por um público próprio.

Como frutos de muitos anos de batalha, hoje Lóri Nelson encontra-se junto ao SATED/RS onde batalha pela interiorização do sindicato, fazendo a representação do interior. Está à frente da profissionalização dos artistas junto as prefeituras dos municípios da metade sul. Atualmente participa da construção de um fórum sobre arte na escola. A intenção é trabalhar a fim de levar para dentro das instituições as discussões acerca das questões inerentes à atividade.

Dentro da sua caminhada pela estrada da arte há muitos momentos importantes. Cabe registrar aqui duas homenagens recebidas pelo poder público como reconhecimento da comunidade ao seu trabalho: o diploma da Prefeitura Municipal de Rio Grande em alusão às atividades realizadas no Espaço Teatro do Sol e uma placa da câmara de vereadores alusiva aos anos de dedicação ao teatro através da representação do palhaço Bolaxa.



Figura 16 – Homenagem da prefeitura



Figura 17 – Homenagem da câmara de vereadores

Para finalizar, podemos citar uma fala do artista que creio resumir o que hoje ele é enquanto artista: “eu sou um cara do teatro, minha vida é o teatro”. Lóri Nelson dedicou vários anos incansavelmente para a arte e busca a cada dia se fortalecer dentro dela. É um profissional comprometido, apaixonado, militante e que toma por prática a popularização da arte. Cuidadoso com uma produção que não seja comercial, faz um teatro de pesquisa, inacabado e que está sempre em construção.

6. REFERÊNCIAS

- BURNIER, Luís Otávio. “O clown”. Disponível em: www.grupotempo.com.br. Acesso em 10 out. 2015.
- FREITAS, Nelson Abbott. “Hoje tem Alice”. Pelotas, *Diário Popular*, 7 out. 1984.
- HERMANN, Cláudio. “Alice, uma versão para adultos”. Porto Alegre, *Zero Hora*, 1 mar. 1985.
- _____. “Alice, um trabalho honesto”. Porto Alegre, *Zero Hora*, 8 mar. 1985.
- ITIBERÊ. “A boate do direito da UFPEL”. Disponível em: <<http://mepelotas.blogspot.com.br>>. Acesso em 26 ago. 2015.
- KILPP, Suzana. *Os cacos do teatro: Porto Alegre, anos 70*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1996.
- KUSNET, Eugênio. *Ator e método*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 1987.
- LUME. “Repertório de cursos”. Disponível em: <<http://www.lumeteatro.com.br>>. Acesso em: 02 out. 2015.
- NELSON, Lóri. Entrevistas concedidas para a realização do TCC. Rio Grande, março a novembro de 2015.
- PARANHOS, Maristela. “Estreia de Doroteia vai à guerra”. *Diário Popular*, p. 29, 25 mai. 1997.
- REBELLO, Julio Cesar Almeida. “A essência do Clown”. In: 10º FORUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM. Departamento de música da Universidade Estadual de Maringá, 2011. Disponível em: <<http://www.dex.uem.br>> Acesso em: 19 out. 2015.
- SILMAN, Naomi (org.). *25 anos LUME teatro*. Campinas: UNICAMP, 2011.
- Boca de Cena. Projeto Palhaço Bolaxa um contador de histórias. *O petit do palhaço (na praia do Laranjal)*. Pelotas: Epílogo Filmes, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A ELABORAÇÃO DAS TABELAS DO SUBCAPÍTULO 4.2 TEATRO DO SOL: UM SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE

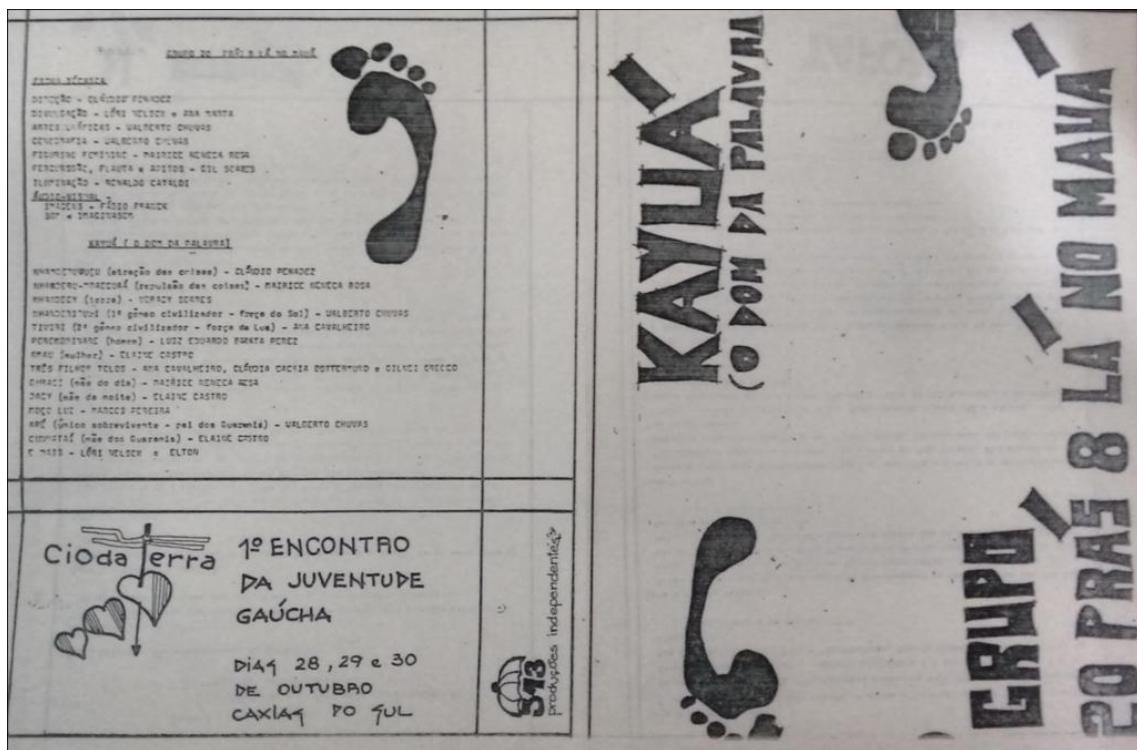
- ALBERTO, Carlos. "Teatro em Pelotas". *Diário Popular*, 3 out. 1984.
- BARCELOS, Luzia. "Teatro do Sol oferece oficinas de teatro e música". Rio Grande, *Jornal Cassino*, p.8, 25 abr. 2003.
- _____. "Beto Federal e banda no Teatro do Sol". Rio Grande, *Jornal Cassino*, p.6, 24 mai. 2002.
- _____. "Espetáculo do Sobrinhos de Shakespeare no Teatro do Sol". Rio Grande, *Agora*, 14 fev. 2003.
- _____. "Chico Padilha & banda no Teatro do Sol". Rio Grande, *Jornal Cassino*, 28 fev. 2003.
- _____. "Teatro do Sol: dois anos popularizando a Arte no Cassino". Rio Grande, *Jornal Cassino*, p.6, 15 nov. 2002.
- _____. "A arte de Gilberto Oliveira no Teatro do Sol". Rio Grande, *Jornal cassino*, p.6, 21 jun. 2002.
- _____. "Angelo Vigo apresenta show musical no Teatro do Sol". Rio Grande, *Jornal Cassino*, p.6, 5 jul. 2002.
- _____. "Paula 'Quer o Dom' no Teatro do Sol". Rio Grande, *Jornal Cassino*, p.6, 2 ago. 2002.
- _____. "1º FESTGAMA movimenta o cassino amanhã". Rio Grande, *Jornal Cassino*, p.6, 9 ago. 2002.
- CACERES, Anelise. "Teatro do sol apresenta hoje o espetáculo muro de papel". Rio Grande, *Agora*, 27 e 28 jan. 2001.
- _____. "Teatro do Sol com inscrições abertas para oficina de arte". Rio Grande, *Agora*, 15 mar. 2001.
- CURI, Guilherme. "Feira da Oceanologia movimenta o cassino". Rio Grande, *Agora*, 14 jun. 2001.
- _____. "Música ao entardecer no Cassino". Rio Grande, *Agora*, 14 e 15 jul. 2001.
- _____. "Rockn'roll ao entardecer no Cassino". Rio Grande, *Agora*, 8 e 9 set. 2001.

- _____. "Poesia musical no Belas Artes". Rio Grande, *Agora*, 13 set. 2001.
- _____. "Teatro do Sol popularizando a arte". Rio Grande, *Agora*, p.4, 22 e 23 Set. 2001.
- FREITAS, Hamilton. "Hip hop, punk, Pop e rock invadem a cena rio-grandina". Rio Grande, *Agora*, p.6, 6 jun. 2002.
- _____. "Teatro do Sol reabre com espetáculo poético-musical". Rio Grande, *Agora*, p.6, 17 jan. 2002.
- _____. "Música, cinema e oficinas no Teatro do Sol". Rio Grande, *Agora*, 25 jul. 2003.
- KAIRALLA, Bruno Zanini. "Um Palhaço, um menu...". Rio Grande, *O Peixeiro*, p.4 e 5, 1 dez. 2009.
- _____. "Ainda mais experiente e preparado". Rio Grande, *O peixeiro*, p.5 e 5, 2 mar. 2003.
- MONTEIRO, Maria do Carmo O. "Surge um novo espaço Cultural alternativo no Cassino". Rio Grande, *Agora*, p.8, 17 jan. 2001.
- NELSON, Lóri. "Tem poesia no Teatro do Sol". Rio Grande, *Agora*, p.7, 25 mar. 2003.
- _____. "Trio Instrumental faz show no Teatro do Sol". Rio Grande, *Agora*, p.7, 15 jul. 2003.
- _____. "Mauricio Cunha e Piranhas Verdes neste domingo no Teatro do Sol". Rio Grande, *Agora*, 6 ago. 2003.
- _____. "Teatro do Sol recebera Sindicato dos Músicos em setembro". Rio Grande, *Agora*, p.7, 21 ago. 2003.
- _____. "Beto Federal e banda no Belas Artes e no Teatro do Sol". Rio Grande, *Agora*, p.6, 28 ago. 2003.
- _____. "Escritora lança livro de conto-prosa-poesia no Teatro do Sol". Rio Grande, *Agora*, 19 set. 2003.
- _____. "Teatro do Sol apresenta Recital de primavera". Rio Grande, *Agora*, p.8, 24 out. 2003.
- RIBEIRO, Roberto. "Maninho Santos expõe Transformação no Cassino". Pelotas, *Diário Popular*, p.8, 7 abr. 2001.
- SANTOS, Nileza. "Projeto da Smec modifica denominação e amplia atividades". Rio Grande, *Agora*, p.4, 11 e 12 ago. 2001.

- _____. "Semana Estadual do meio Ambiente inicia hoje". Rio Grande, *Agora*, p.4, 1 jun, 2000.
- SANTOS, Rodrigo A. "Projeto Ensaio Geral chega a 20º edição". Rio Grande, *Jornal Cassino*, 13 e 14 out. 2001.
- _____. "Atividades da patrulha ambiental encerram nesta semana". Rio Grande, *Agora*, p.6, 26 fev. 2002.
- _____. "O Diário de Julia Souza no Teatro do Sol". Rio Grande, *O Peixeiro*, 16 ago. 2002.
- _____. "Teatro do Sol abre temporada de verão". Rio Grande, *Agora*, p.6, 29 nov. 2002.
- SOARES, Anajara. "Shakesperianos no Teatro do Sol". Rio Grande, *Agora*, p. 7, 16 fev. 2001.
- SOARES, Eduardo. "Começa a 2º temporada de verão do Teatro do Sol". Rio Grande, *Agora*, p.4, 17 e 18 fev. 2001.
- _____. "Os primeiros detalhes e homenageados". Rio grande, *Agora*, p.6, 17 e 18 fev. 2001.
- _____. "Noite de prestígio, classe, requinte e homenagens". Rio Grande, *Agora*, p.13, 10 e 11 mar. 2001.
- ZIEBELL, Carmen. "CEA promove reflexões sobre o meio ambiente". Rio Grande, *Agora*, p.5, 3 jun. 2003.

7 ANEXOS

Anexo 1 – Figura 18 Programa da peça *Kayuá O dom da palavra*



Anexo 2 – Figura 19 Cartaz da peça *Uni Duni Tê*



Anexo 3 – Figura 20 Programa da peça *Alice no país divino maravilhoso*



Anexo 4 – Figura 21 Critica a peça *Uni Duni Tê* por Claudio Hermann



Anexo 5 – Figura 22 Matéria sobre a peça *Uni Duni Tê* vinculada no Jornal da Manhã

Diário da Manhã

ANO V Nº. 142 PELOTAS (RS) — A PRINCESA DO SUL DOMINGO, 11 DE DEZEMBRO DE 1.983

UNI DUNI TÊ apresenta-se amanhã no 7 de Abril



U Grupo UNI DUNI TÊ

Na semana de reinauguração do Teatro Municipal 7 de Abril, o Grupo 20 prás 8 lá no Mauá, apresenta UNI DUNI TÊ. A peça tem como tema central a Educação, tendo 7 personagens/crianças, que não possuem uma idade limite. O recurso propicia um confronto das crianças/personagens com contradições da realidade social.

O espetáculo será apresentado amanhã às 21:00hs com o VINTE completando a 14ª apresentação de UNI DUNI TÊ. O texto de criação coletiva tem direção geral de Claudio Penadez e mostra o tema em cenas na escola, na família e na relação entre amigos.

A proposta do grupo é colocada em forma e conteúdo. Na forma, com movimentação contínua, tanto de cena pra cena como dos personagens em cena. O cenário delimita o espaço cênico, sendo a composição completada com acessórios que os próprios personagens se encarregam de montar.

No conteúdo o grupo preocupou de colocar uma linguagem que o tema não fosse uma proposta acabada, mas um referencial em cima de uma discussão a qual deve partir das necessidades atuais. A caricatura é utilizada como linguagem, onde misturada com sátira e humor propõe um teatro leve e engraçado. A surpresa e o riso são as reações que se colocam ao público.

UNI DUNI TÊ deve ser visto pela forma, em sua estética. O tema complementa o espetáculo, onde a proposta é a construção da própria linguagem dos personagens. A produção é do grupo sendo o cenário e acessórios de Walberto Chuvas e figurino de Maristela Costa Milan e Grupo. Acompanham como músicos Delce Rosa, Max Fernando e Gilson. (Lóri Nelson)

Dentro da programação de reinauguração do Teatro 7 de Abril, um registro para a Mostra "CONTRALUZES: Ensaio Fotográfico

sobre o Grupo de Teatro 20 Prás 8 Lá no Mauá" de P.R. Baptista que representou, pela repercussão alcançada, um dos acontecimentos mais destacados, este ano, em Fotografia.

Anexo 6 – Figura 23 Crítica aos espetáculos do grupo 20 prás 8 lá no Mauá, por Cláudio Hermann e matéria sobre as produções do grupo vinculadas no Zero Hora

CRÍTICA

20 Pras 8 Lá no Mauá:
a revelação de um grupo
de talento respeitável

Por CLÁUDIO HEEMANN
Editoria 2º Caderno/ZH

No Teatro do Museu do Trabalho, no fim da Rua da Praia, o grupo pelotense "20 Pras 8 Lá no Mauá", veio a Porto Alegre mostrar duas peças de seu repertório. A primeira foi a criação coletiva "Hulla-hulla nas Costas do Brasil". A próxima será "Uni, Dum, Te". O horário alternativo das apresentações (18h30min, em dois fins de semana) e a presença de uma grupo desconhecido não atrairam muita gente ao pavilhão do Museu do Trabalho. Mas nem por isso, os moços do "20 Pras 8 Lá no Mauá", deixaram de oferecer uma interpretação dinâmica e animada.

"Hulla-hulla nas Costas do Brasil" é uma farsa simbólica. A intenção é a crítica social ao aqui e agora, disfarçado de país imaginário. O tom de comédia busca na caricatura a maneira de cativar o público enquanto o texto desmascara os mecanismos capitalistas de dominação econômica e cultural e destruição ecológica. O enredo é simples, as colocações esquemáticas e o humor juvenil. O que chama atenção no espetáculo, além da sensibilidade para com assuntos reais, é o grau de comunicabilidade do "20 Pras 8 Lá no Mauá". O Grupo de Pelotas lembra os antigos teatros universitários e estudantis que trabalhavam a partir de um piso artístico respeitável. Os componentes do grupo são extremamente jovens. Porém, mostram um rendimento cênico de nível alto.

As interpretações são particularmente desinibidas e articuladas, dominando o palco com segurança e vitalidade. Maristela Milan, Walberto Chuvas, Mairice Rosa, João Oliveira e Cláudia Bottermund são os nomes dos intérpretes. O mesmo valor aparece na direção, assinada por Cláudio Penader. O jovem encenador (que também atua no espetáculo) soube desenhar a ação cênica com habilidade e ritmo, colocando até dança e música no contexto. Foi uma promissora revelação esta presença do "20 Pras 8 Lá no Mauá", ocupando o espaço teatral do Museu do Trabalho.

ESTREIA

Grupo pelotense com "Hulla-Hulla"

★ O grupo pelotense de teatro "20 pras 8 lá no Mauá", traz ao público de Porto Alegre suas últimas criações: Hulla-Hulla nas Costas do Brasil, hoje e amanhã, no Teatro do Museu do Trabalho (rua dos Andradas, 270), às 18h30min, e Uni Dum Te, que entra em cartaz dia 17 e fica até o dia 20, no mesmo horário, com ingressos a Cr\$ 1 mil.

Hulla-Hulla nas Costas do Brasil é um teatro improvisado pelo grupo e denuncia criticamente os reflexos da dominação cultural e do imperialismo, através do ponto de vista ecológico. Uni Dum Te é uma criação coletiva do grupo e tem como tema central a educação. As duas

zero hora

ANO XX — Sábado, 12.11.83 — N° 6624
PORTO ALEGRE — 200,00

zero hora

ANO XX — Quinta-feira, 17.11.83 — N° 6629
PORTO ALEGRE — 200,00

Anexo 7 – Figura 24 Matéria e crítica sobre o espetáculo *Alice no país divino maravilhoso*



'Alice no País Divino Maravilhoso': no Teatro de Câmara, 21h

"Alice" em versão para adultos

É hoje, às 21h, a estréia da peça *Alice no País Divino Maravilhoso*, uma montagem do grupo teatral 20 prás 8 lá no Mauá, da cidade de Pelotas, que será apresentada no Teatro de Câmara. A adaptação do texto original de Lewis Carol foi feita por Paulo Afonso Crissolli, Luiz Carlos Maciel, Sidney Miller, Marco Flaksman e Tita Lemos. O espetáculo fica em cartaz no local até o dia 17 de março de quintas a domingos.

A adaptação mantém a leitura original de "Alice no País das Maravilhas", promovendo duas mudanças significativas. Alice cresceu, é uma adolescente, e seu habitat

não é mais uma floresta, mas a vida urbana. Alice vive, portanto, situações da nossa realidade, retratando em cena questões atuais. O texto é em dois atos e os atores interpretam 35 personagens diferentes. Alice é o quarto trabalho do grupo. A direção geral do espetáculo é de Cláudio Penadez. Estão no elenco Maisi Cavalheiro, Walberto Chuvas, Lóri Nelson, Cláudio Penadez, Maristela Costamilan, Marco Tavares, Rosi Bardinelli e João Cerqueira Júnior. Os figurinos são do Ateliê Neco Tavares e a parte musical conta com Harry Big, Rómulo, Luiz Borges e Joca. Os efeitos sonoros foram criados por Vitor Ramil.

Sexta-feira, 1º.03.85/ZH SEGUNDO CADERNO — 2

"Alice", um trabalho honesto

Aconteceu no Teatro de Câmara a primeira estréia de março. Sob a responsabilidade do grupo pelotense "20 prás 8 lá no Mauá", entrou em cartaz *Alice no País Divino, Maravilhoso*. Como o nome indica, o "20 prás 8 lá no Mauá" é um conjunto juvenil. Já tinha estreado em Porto Alegre apresentando duas outras peças de seu repertório Hullu, Hullu na Costa do Brasil e Uni, Duni, Te. A temporada de então aconteceu no galpão do Museu do Trabalho, atraindo público mínimo. Mas o grupo conseguiu mostrar que é criativo e alerta. Seus textos eram críticos e satíricos, pondo em foco temas como colonialismo e capitalismo (Hullu, Hullu) e o problema educacional (Uni, Duni, Te). Desta vez, e sempre com direção de Cláudio Penadez, o "20 prás 8 lá no Mauá" atirou-se, sem medo, no complexo mundo de Lewis Carroll, apresentando uma adaptação do clássico "Alice no País das Maravilhas".

A "Alice" dos pelotenses é um espetáculo musical de origem carioca. Foi criado no Rio com a participação do encenador Paula Afonso Grisoli, de Sidney Miller e Luiz Carlos Maciel, Tite de Lemos e do cenógrafo Marcos Flaksman. A versão a que estamos assistindo foi reformulada segundo a orientação de Cláudio Penadez, que é um dos atores do espetáculo.

A brilhante linguagem onírica de Lewis Carroll, com sua riqueza poética, apresenta um manancial de imagens, símbolos, surpresas e enigmas. Desde que surgiu na Inglaterra do século passado Alice tem recebido inúmeras interpretações. Ninguém duvida que seja um retrato, pelo avesso, da sociedade vitoriana. Análises metafísicas, políticas, psicanalíticas, históricas, sociológicas, encontram em Carroll um campo rico para reflexões. Seja qual for a perspectiva em que for fixada, Alice é uma figura em busca de identidade. Em vista dos absurdos que o universo lhe apresenta a cada instante, seu código de valores não cessa de sofrer baques. Alice é o espanto da relatividade das coisas. Sua história-vilegiatura é uma espécie de contínuo viagem de descobrimento, onde tudo acontece dentro da liberdade lógica do sonho.

Normalmente as adaptações de Alice se fixam na epiderme surrealista da ação, reduzindo tudo a fabulário para consumo infantil. O espetáculo pelotense, seguindo a indicação carioca, fugiu destas limitações. Tem endereçamento adulto. Alice foi naturalizada. Parece ser a classe média brasileira dos últimos vinte anos. Perplexa diante da dominação por forças arbitrárias. Ansiosa pelo encontro com valores sólidos, harmonia interior e o caminho sem conflito.

O espetáculo foi concebido com despojamento, concentrando-se na qualidade do diálogo bem escrito. Isso coloca muita responsabilidade nos atores, mas o resultado é simpático; ajudada pela desenvoltura do roteiro, a encenação é coerente e despretenciosa. Ritmo, humor, estímulos visuais, projeção de conteúdos, presença interpretativa e alcance vocal não fogem a um rendimento amador. Mas as ingenuidades técnicas e a monotonia de passagens menos trabalhadas são toleráveis. Porque os pelotenses fizeram um trabalho pensado e honesto. *Alice no País Divino Maravilhoso* foi indicado para ser o primeiro espetáculo da temporada 85 a ser colocado nas sessões especiais do Teatro de Fim de Semana da Subsecretaria de Cultura.

CLAUDIO HEEMANN

Anexo 8 – Figura 25 Reportagem sobre o espetáculo *Alice no país divino maravilhoso*, por Nelson Abott de Freitas.

Nelson Abott de
FREITAS

Hoje ainda tem Alice

Depois do sucesso com "Uni Duni Té", em 1983, além de outros sucessos, como "Kayúá" e "Hullá-Hullá nas Costas do Brasil", voltou à cena o grupo peletense "20 prás 3 lá no Mauá". Voltou pra valer, com "Alice no País Divino Maravilhoso" — um texto profundo, illosófico, poético, lirico e às vezes amargo. Partindo do clássico da literatura infantil — "Alice no País das Maravilhas", de Lewis Carroll, — autores brasileiros fizeram uma adaptação ao teatro, e Alice — sonhadora personagem — saí em busca do mundo das fadas e dos encantos e passa a viver em expectativas e temores. Amando, sofrendo, desiludindo-se, tentando, ouvindo e recuando, Alice embrenha-se nos mais diversos caminhos do mundo contemporâneo. É o adolescente que, incompreendido, abandona o paternalismo da família e o restrito ambiente que o cerca, e vai encontrar-se com a realidade do dia-a-dia, diferente, bem diferente daqueles padrões realçados no seu universo de criança e adolescência. É o confronto com uma nova realidade. Mas, perplexa e despreparada, Alice não ouve a pretendida sonata; e tem de seguir as notas contundentes de uma cantiga que os homens compuseram com seus vícios, animalidades, ambigüezas e ansiedades, sem faltar um sistema opressor. Trava-se, então, a luta entre o querer e o não-querer. É a refutação, às vezes o aturdimento e o desespero ante os fatos mais cruéis e melancólicos, que vão de encontro a princípios e bases como o estupro e o aborto. A violência desenfreada e chocante. E é envolta por essas sombras e vozes soturnas que Alice dança a sua valsa real, dizendo adeus as ilusões do seu país divino maravilhoso.

É uma peça moderna, de linguagem viva e palpitante, que carrega uma mensagem que espelha outras Alices soltas por aí, cruzando caminhos, também despreparadas e incomprendidas. É a mensagem chega mais fortalecida e humana, pelo desempenho fluente do elenco, sob a direção segura e coerente de Cláudio Penadez. O es-

petáculo anda em ritmo harmonioso, abundante de dinamismo e espontaneidade. O elenco, formado por oito atores, vivendo trinta e cinco personagens, homogêneo e tem nível profissional, tal a desenvoltura e a maturidade com que desempenham os papéis. Agil e comunicativos, os intérpretes fazem de um texto pesado, momentos agradáveis que não dão vez ao enfado e ao cansaço.

Maisse Carvalheiro é a grande estrela do espetáculo, vivendo, com vida e emoção, a personagem Alice — o centro das atenções. Neneca — assim é conhecida a artista nas rodinhas dos amigos — faz nos seus mínimos gestos. Nos seus passos, no olhar atirado à distância, nas canções entrecidas, nas correrias pelo Sete de Abril, subindo e descendo a rampa. É uma atriz que sabe passar uma emoção. Na medida certa, às vezes dramáticas; outras, brancas e ternas; mas sem correr o risco do exagero e da caricatura. Ativa e

frágil, a sua Alice caminha pelos stalhos da vida, despertando no espectador sentimentos de amor e de piedade, conseguindo atenção.

Lori Nelson é um ator que se revela, carregando varlados e diferentes personagens, como o moralista da TV, o cidadão do cachimbo, Castro Alves e o rei Babalau. Entre outros, que permitem ao artista a demonstração de sua versatilidade. Seguro e natural em cada cena, Lori Nelson se impõe no palco e, em alguns instantes, torna-se a atração principal.

Walberto Chuvas é outra figura de destaque, sobressaindo-se especialmente na interpretação do personagem Artur Coelho. Inquieto e nervoso, o artista movimenta as suas cenas, colocando o colorido que o personagem requer.

Todo o elenco aliás, se movimenta muito bem, numa significativa coesão. Marco Tavares está perfeito no papel de padre; Rosi Badnelli é uma rainha altaneira, muito

"Alice no País Divino Maravilhoso", um espetáculo contemporâneo, fluente e mágico, de palco desnudado, que põe à prova o talento do artista

O elenco de "Alice no País Divino Maravilhoso" numa pausa de ensaio

Anexo 9 – Figura 26 Divulgação da peça *Alice no País das Maravilhas* no Teatro Câmara em Porto Alegre.



Anexo 10 – Figura 27 Matéria sobre *Alice no país divino maravilhoso*.

Járrido da Manhã

PELOTAS, DOMINGO, 02 de Setembro de 1984

R\$ 700,00

Teatro

Um desafio para um grupo teatral em ascenção

“Alice no país divino maravilhoso”

“Alice no País Divino-Maravilhoso”, uma adaptação do texto original de Lewis Carroll, “Alice no País das Maravilhas” é a peça que o grupo teatral “20 prás 8 lá no Mauá” deverá estrear no teatro Sete de Abril, no próximo mês de setembro. Trata-se de uma comédia musical escrita por Sidney Miller, Paulo Afonso Grisolli, Tite de Lemos e Luís Marcos Flaksman.

Sendo uma peça dirigida, principalmente ao público jovem, “Alice no País Divino, Maravilhoso” deverá causar relativo impacto, em quem a assistir. Essa é, pelo menos, a opinião do diretor da peça, Claudio Penadez, que já está no grupo desde a sua criação, em 1982, quando os “20 prás 8” apresentou “Kayuá, o dom da palavra”, uma adaptação do próprio grupo, baseado no texto “Genísio” de Barbosa Lessa, sobre lendas dos índios guaranis. A surpresa do espectador poderá ser sentida no momento em que perceber não uma Alice das fábulas mas, sim, uma adolescente pressionada por uma educação paternalista, com ensino autoritário e que sonha com uma aventura no país divino maravilhoso.

Lóri Nelson, um dos integrantes do grupo, diz que “as surpresas de Alice, suas indagações, perplexidades, a levam à ânsia de se fazer presente nessa realidade, que transcende a sua casa e seu pequeno círculo de relações”. Ele continua informando que “a adaptação segue a história original, não aponta soluções ou conclusões, pretendendo apenas dar ao jovem uma oportunidade de se ver retratado em cena”.

Já Rosi Badinelli, outra integrante do grupo, vê Alice em uma espécie de interiorização dela mesma. “Alice foge da sua realidade para buscar mais espaço. Na realidade da peça, Alice vê o poder dividido representado pela rainha e pelo rei, tendo como oposição o gato e duqueza, o que influencia para um questionamento sobre ela mesma e a sociedade”.

SANTO DE CASA

Tentando desmistificar a história de que “santo de casa não faz milagre”, “Alice...” representa para o grupo, um marco decisivo em termos profissionais. Há cerca de três meses que os atores Maíssi Cavalcante, Cláudia Penadez, Lóri Nelson, Marco Tavares, Walberto-Chuvas, Maristela Costamilan, Rosi Badinelli e Jôlio Cerqueira Júnior estão trabalhando, diariamente na criação dos 35 personagens existentes na peça. “Alice...” é uma montagem a

riores são de Walberto, Marco e Maristela, e a produção é de Maíssi Cavalcante.

Com todo esse trabalho, uma das principais preocupações do grupo é quanto à reação do público, em relação à peça. Penadez arrisca dizendo que o texto, por ser forte, causará polêmica, “mas é essa a nossa intenção”, conclui.

ELITE CULTURAL

O ingresso para assistir “Alice...” estará em torno de Cr\$ 3 a Cr\$ 5 mil, segundo adiantou Penadez, o que não será impedimento para que tenha um bom público, uma vez que o valor de três maços de cigarro já dá para ir ao teatro. O interesse do público pelotense em frequentar o teatro é outro objetivo do grupo. “Existe sempre uma elite cultural, que acompanha o que está acontecendo em termos de arte, diz Penadez, mas a gente propõe à população de uma forma abrangente, que assista Alice que é uma coisa palpável”.

Até o final deste ano, o “20 prás 8” deverá apresentar a peça em diversas cidades da região, a ex-

que retrata a invasão cultural comunista, e “Uni Duni Té”, que teve como tema central a Educação, colocando em cena sete crianças, sem uma idade limite, na escola, na família e na relação entre amigos. Ambas foram montadas em 1983, no primeiro e segundo semestre, respectivamente, e a significativa receptividade da crítica teatral do estudo.

TEATRO VIVAVEL

A classe artística brasileira costuma admitir que se o país está em crise, obviamente o teatro sofre essa crise, refletida na bilheteria e nas montagens teatrais, uma vez que a arte está intrinsecamente ligada com a história. Mesmo assim, o grupo “20 prás 8” acredita que o teatro seja vivável em Pelotas, já que é uma das mais importantes expressões culturais.

“É de máxima importância valorizar o teatro”, diz Rosi Badinelli. “As empresas de Pelotas ainda não descobriram o teatro e a sua importância para uma cidade”, acrescentou.

Vinte prás 8 causará polêmica.

Anexo 11 – Figura 28 Matéria sobre a peça *Nietzsche no Paraguai*.



Anexo 12 – Figura 29 Divulgação da peça *Nietzsche no Paraguai* no Teatro Câmara em Porto Alegre



Anexo 13 – Figura 30 Folhetim O Theatreiro com foto de Lóri Nelson em *No más... Uma cena gaúcha*, peça que lhe garantiu premiação especial de Júri

O THEATREIRO AGOSTO 1987

requer. Aconteceu, no entanto, que no Sete de Abril o som não funcionou e o espetáculo ficou sem música. Os atores cansados, depois de quatro sessões, também já não tinham voz. Foi, assim, uma noite de imenso fracasso, com platéia e atores insatisfeitos e aborrecidos.

De grupos pelotenses duas belíssimas surpresas: "Cordélia Brasil" e "No Más... Uma Cena Gaúcha" além, é claro, de "Fuenterovejuna".

"Cordélia Brasil", de Antônio Bivar, encenado pelo Grupo "Nós na Garganta", foi um show de seriedade, sob a direção de Carlos Eduardo Valente. O espetáculo deslizou com uma atmosfera de dramaticidade bem eriada, com equilíbrio nas interpretações e com instantes artesanais requintadamente trabalhados. E nos mostrou o talento e a sensibilidade de Cláudia Tavares, uma grata revelação.

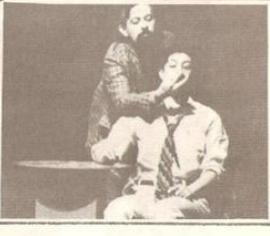
"No Más... Uma Cena Gaúcha", de Beatriz Kanaan, A. F. Monquelat e Geraldo Fonseca, do Grupo de Dança da Galeria Quilombo, foi também um dos pontos elevados do festival. Liricamente construída, essa peça, rica de conteúdo, fez um passeio pela história rio-grandense, desde os tempos antigos à época atual, sem cair no tom didático e árido, pautando-se pela leveza, bom ritmo e por um elenco razoavelmente homogêneo, que tinha a presença forte de Lóris Nelson, e sob a direção feliz de Beatriz Kanaan: outra bela revelação.



No Más... Uma Cena Gaúcha



O Testamento



O Rinoceronte

Dos grupos de fora da cidade, ainda dessa fase estadual, o festival apresentou, entre outros, "Jogos na Hora da Sesta", de Roma Mahieu, sob a responsabilidade de RM Produções Ltda., de Porto Alegre, com direção de Paulo Mauro da Silva, e "Revolução na América do Sul", de Augusto Boal, por conta do Grupo Presença, de Santa Maria. Dois bons espetáculos.

E da fase nacional, que não tinha caráter competitivo, participaram apenas três grupos: o Proteu, do Pará, que exibiu várias peças, inclusive algumas ao ar livre "Bodas de Café", "Transgreunte Ascendente Aquarius" e "A Constituinte e o Trabalhador"; o Grupo Pesquisa Teatro Novo de Santa Catarina: "Ocasos Raros. Casos simples"; e o Grupo Teatro Vivo, de Porto Alegre, com a peça de Naum Alves de Souza "A Aurora da Minha Vida". Esta última, com teatro bem construído, artesanal e de bom texto, foi a grande presença dessa fase do festival.

O Iº Festival, em sua fase estadual, apresentou quatorze grupos, sendo oito de Pelotas e seis de outras cidades: Porto Alegre, Pedro Osório, Santa Maria e Bagé.

Anexo 14 – Figura 31 Programação do 1º festival de Teatro de Pelotas, com apresentação de Lori Nelson em *No más... Uma cena gaúcha*

☆ 9 DE AGOSTO ☆
Sexta-feira

19h - Teatro Gonzaga

Outro Grupo de Teatro (Pelotas)
apresenta
"ANTÔNIO MEU SANTO" (criação coletiva)
Direção: MARCO TAVARES
Elenco: JOÃO OLIVEIRA (Francisco), CARLOS LIMA (Urânia), FRANCISCO MEIRELES (Nenen), RIBENS FABÍAO (Filóca), MARCO TAVARES (Miminha), GIANE DUARTE (Seréco), LILIANA DUARTE (Santo Antônio, Tonico e Exu).

21h - Teatro Municipal Sete de Abril

Grupo de Dança da Galeria Quilombo (Pelotas)
apresenta
"NO MÁS, UMA CENA GAÚCHA", de BEATRIZ R. KANAAN, A. F. MONQUELAT e G.R. FONSECA
Direção: BEATRIZ RODRIGUES KANAAN (Beca)
Elenco: JOÃO C. JUNIOR (Gaúcho, Índio), LUCIANA GRUPPELLI (Índio, Negro), LU SCHNEID (Índio, Branco), MARCO ANTONIO (Negro, Gaúcho), EDSON YATES (Negro, Gaúcho), MARQUINHO (Índio, Branco), ANA O. (Págó, Gaúcho), HELENA KANAAN (Índio, Gaúcho), ADILSON MONTE (Negro, Gaúcho), ANA VERONEZ (Índio, Negro), LORI NELSON (Índio, Gaúcho), LEO VIEIRA (Índio, Gaúcho), TÚLIO OLIVER (Gaúcho atual).

1º FESTIVAL DE TEATRO DE PELOTAS

PROGRAMA

FUNDAPEL
Fundação Municipal de Cultura, Lazer e Turismo de Pelotas

GOVERNO DE PARANÁ
* ALVÉAR
BERNARDO DE SOUZA

Anexo 15 – Figura 32 Guia da semana de Pelotas divulgando a peça *Auto dos 99%* no Teatro Sete de Abril

GUIA DA SEMANA



Compras - Serviços - Cultura - Lazer e Turismo em Pelotas

ANO I - Nº 26 De 09 a 15/11 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

CINEMAS <p>"O Jornal "GUIA DA SEMANA" não se responsabiliza por eventuais mudanças nas programações das Casas de Espetáculos."</p> <p>REI: Andrade Neves, Calçadão Fone: 22-7426 De 09 a 12/11 "INIMIGO MEU" - 10 anos (15 e 20 horas) "SEXO EXPLÍCITO" (22 horas) De 13 a 15/11 "FACES DA MORTE" 18 anos (15 e 22 horas) "SEXO EXPLÍCITO" (22 horas)</p> <p>PELOTENSE: Andrade Neves, 2316 - Fone: 22-4334 De 09 a 12/11 "PLATOON" 18 anos (20/22 hs) De 13 a 15/11 "COMPANHIA DE LOBOS" 14 anos (20 e 22 horas)</p> <p>TABAJARA: Gal. Osório, 1095 Fone: 22-6301 De 09 a 12/11 "MARIE, UMA HISTÓRIA VERDADEIRA" 14 anos (20/22) De 13 a 15/11 "FONTE DA SAUDADE" 14 anos (20 horas) Projeto Cultura (22 hs) Não confirmado.</p> <p>GUARANY: Lobo da Costa, 849 Fone: 25-7636 De 09 a 11/11 "COMBOIO DO TERROR" 14 anos (15, 20 e 22 horas) De 12 a 15/11 Não confirmado</p> <p>CAPITÓLIO: Anchieta, 2009 Fone: 22-6064 De 09 a 15/11 "ROBOCOP - O POLICIAL DO FUTURO" 14 anos (15, 20 e 22)</p> <p>Obs.: Horário de domingo em todos os cinemas: (14, 16, 20 e 22)</p>	TEATRO <p>TEATRO SETE DE ABRIL: Pça. Cel. Pedro Osório 160 F: 25-5598 Dia 15/11 às 21:30 horas</p> <p>O AUTO DOS 99% – Livre adaptação do Grupo Usina de Teatro, texto de Oduvaldo Vianna Filho, Cecil Thiré entre outros. O espetáculo já percorreu os três estados da região sul, representou a cidade e o estado em diversos festivais e conta com um público superior a 10.000 espectadores. O grupo mantém o arcabouço básico do texto original, já que uma das ca-</p>	<p>racterísticas marcantes é sua extrema flexibilidade. Na primeira parte, a história é repassada fornecendo uma visão de nosso colonialismo. Na segunda discute a situação atual da universidade, propõendo uma reflexão sobre seus caminhos. A direção geral é de Clóvis Veronez, a iluminação de Carlos Alberto Pinheiro e no elenco: Beatriz Cunha, Clóvis Veronez Fernando Santos, Flávio Dornelles, Ciana Franceschi, Lóri Nelson Luis Felipe Teixeira e Rômulo Viero. Dia 15 às 21h30min, ingressos de Cz\$ 80,00 a Cz\$ 150,00.</p> 
DANÇA <p>TEATRO SEDE ABRIL: Pça. Cel. Pedro Osório, 160 F: 25-5598 Dia 11/11 às 21:00 horas "BALLET PHOENIX" Ingressos: Cz\$ 100,00.</p>	MÚSICA <p>TEATRO SETE DE ABRIL: Pça. Cel. Pedro Osório, 160 F: 25-5598 MÚSICA AO ENTARDECER Dia 09/11 às 18:30 horas Show de Música Popular com LEONARDO OXLEY – Entrada Franca.</p>	<p>CONCERTO CONJUNTO DE CÂMARA UFPEL Ingressos: Cz\$ 100,00</p>

Anexo 16 - Figura 33 Certificados de cursos feitos pelo ator Lóri Nelson



Anexo 17 – Figura 34 Release de *Dorotéia vai à guerra*

release



TEATRO DO COP

02-05-1997.
PELOTAS

Nos próximos dias 22, 23, 24 e 25 de maio, de quinta-feira à domingo, no Teatro do COP, rua Almirante Barroso nº 2540, sempre às 21h, estréia a peça teatral (adulto) DOROTÉIA VAI À GUERRA... livre adaptação do texto de Carlos Alberto Ratton. A história conta a cotidiana dependência neurótica entre uma mãe e sua filha. Uma tragicomédia, onde o autor propõe que a interpretação das únicas duas personagens em cena, seja feita por dois atores - homens.

O texto teatral mostra a qualidade literária do autor e, a relação enlouquecida das duas personagens (mãe e filha) emociona a platéia criando a comunicação (ator-espectador) envolvendo a todos neste incrível drama familiar. O espetáculo equilibra tempo-ritmo e o espectador não sente passar os 70 minutos de duração da peça teatral.

No elenco, Lóri Nelson interpreta Dorotéia - a mãe, e Fernando Benevenuto (Índio) é Madalena - a filha. A direção do espetáculo é de Lóri Nelson, a assistência de direção de Aceves Moreno e na iluminação, Flávio Dornelles. A produção é da Cia. Hum de Teatro, Pelotas - RS.

DOROTÉIA VAI À GUERRA... tem apoio cultural do Teatro do COP, Jornal 23, Otroplanet Entertainment, ClickArt e Ello Indústria Gráfica.

A montagem e produção de DOROTÉIA apresenta uma nova companhia teatral em Pelotas - a Cia. Hum de Teatro. A proposta é trabalhar e divulgar a metodologia (Ator e Método) para ator do mestre Eugênio Kusnet. O primeiro passo está dado!

JORNAL
23

APOIO CULTURAL

Lóri Nelson, jornalista - Mtb 6740.
fone para contato:
Teatro do COP - 254622,
residencial - 252992.

Anexo 18 – Figura 35 Parte do texto de *Dorotéia Vai à guerra*

DOROTÉIA VAI À GUERRA OU
D. MARIANINHA, D. MARIANINHA, PRA GANHAR O CÉU, NÃO É PRECISO CRIAR
CABRITO...

de Carlos Alberto Ratton

Apaga plateia, acende palco. Música violenta. Entram os 2 atores /
usando minúsculo calção e vão se vestir em frente à plateia. Os ato-
res acabam de se vestir, deitam, apaga. Tempo.

Dorotéia - Dorotéia está molhada...Ninguém troca a Dorotéia...Tetéia
tá moiadinha...(cantarola)Tetéia é tão piquitinha...(Dá um
grito) Dorotéia tá molhada!!!

(No gritô, acende, Madalena acorda assustada)

MADA - Que que aconteceu? O que foi? (percebe) Já sei, já entendi .
Outra vez, outra vez... Mas também não precisa gritar desse /
jeito...

(Madalena vai até a cômoda, procura uma calcinha, se aproxima
de Dorotéia)

DORO - Não precisa gritar...(muxoxo) Faz mais de meia hora que a Do-
rotéia está reclamando: Dorotéia está molhada, Dorotéia está
molhada,(cantarola) Tetéia é tão piquitinha...

(Madalena tira a calcinha molhada de Dorotéia)

MADA - (cortando) Está certo mamãe, não precisa ficar repetindo!

DORO - Lelena minha filha, você sabe muito bem que eu odeio essas /
calcinhas de pano, elas são tão vulgares, eu queria uma calcin-
ha de seda, cor-de-rosa...(suspira) Ah! meu deus, parece até
que a gente está sem calças...Outro dia mesmo...

MADA - (interrompendo) É, mas agora não tem calcinha de seda, portan-
to usa essa mesma, depois eu compro uma nova...

DORO - Ah, que alívio, graças a deus...Dorotéia detesta ficar molhada
é um frio nas pernas que eu vou te contar...Deve ser por causa/
da evaporação, não é Leninha?

MADA - (bocejando) É sim mamãe, evaporação, um dos fenômenos mais im-
portantes da física moderna. Mas agora, são duas horas da ma-
nhã, vamos dormir...(deita)

DORO - (concorda, depois cai em si) Isso minha filha, vamos dormir...
(incrédula) Vamos dormir?! (levanta da cama, dedo em riste, se
aproxima da filha) Cuidado com essa boca sua mal-criada!!!Quem
é que pode falar nesse tom aqui em casa? Quem é que pode, anda
responde !

MADA - (cansada) É a senhora mamãe, somente a senhora, apenas a senho-
ra, pois a senhora é a dona da casa, portanto só a senhora po-
de falar no tom que eu falei...

Anexo 19 - Figura 36 Cronograma de ensaios da peça *Dorotéia vai à guerra*

CRONOGRAMA DE ENSAIOS

Fevereiro

dia 27 - primeiro ensaio de mesa, Introdução de Eugênio Kusnet e após a cena 1 de Dorotéia vai à guerra, finalizando - apresentação do Pré-Projeto Dorotéia vai à guerra;

Marco

dia 04 - segundo ensaio de mesa, Capítulo 1 de Kusnet e após novamente cena 1 de Dorotéia;

dia 06 - terceiro ensaio de mesa, Capítulo 2 de Kusnet e após cenas 1 e 2 de Dorotéia;

dia 11 - quarto ensaio de mesa, Geraldão de Kusnet (Introd. e capítulos 1 e 2) e após novamente cenas 1 e 2 de Dorotéia;

dia 12 - quinto ensaio de mesa, Capítulo 3 de Kusnet (Circunstâncias Propostas e o Mágico Se Fosse) e após cenas de 1 a 5 de Dorotéia;

dia 19 - sexto ensaio de mesa, Geraldão do Projeto Dorotéia vai à guerra; # Até aqui o horário de ensaio foi das 10h (manhã) às 12h (alguns dias - 04, 06, 11 e 12 foi até 13h), o 1º ensaio foi na casa do Índio e do 2º ao 7º ensaios foi na casa do Lóri, 1ª Avaliação do Projeto;

dia 20 - sétimo ensaio de mesa, Início - cenas de 1 a 6 de Dorotéia e após Capítulo 3 de Kusnet (idem ao dia 12), das 17h às 20h, Projeto Dorotéia, casa Lóri;

dia 21 - oitavo ensaio de mesa, Idem ao 7º ensaio de mesa, das 10h às 12h.

Dia 25 nono ensaio de mesa, Doro da cena 1 a cena 7 (~~16~~ vezes, discute, avalia, conclusões; Kusnet geraldão), 26, 28, e 29 de março, horário: das 14 às 16h;

→ Doro 2 vezes, Kusnet 1 vez, Geraldão Cap. 4,
dia 27 de março - Dia Internacional do Teatro - Passeata(10h) e Encontro(19h).

27/03

ENSAIOS NO PALCO:

Abri

Ensaios no Palco início 07 de abril - sempre no Teatro do COP;

Dias 07 e 08, 14 e 15, 16 e 18, 21 e 22, 28, 29 e 30, Sempre das 16h às 18h,
Sub-total 11 ensaios no palco. # Já agendados 20, pagos 10 ensaios.

*avaliar e
selecionar
cena*

Mai

Dias 05, 06 e 07, 12, 13 e 14, 19, 20 e 21 = 09 ensaios no palco. # Das 16 às 18h.

Total de ensaios no palco: 20 ensaios

10h
12h

#PRÉ-ESTRÉIA - DIA 22 DE MAIO, ÀS 21H NO TEATRO DO COP (QUINTA-FEIRA) # ESTRÉIA - DIAS 23, 24 E 25 DE MAIO (DE SEXTA À DOMINGO), ÀS 21H NO TEATRO DO COP.

*Agende → Kusnet Introdução, Capítulo 1,
1º ensaio de mesa
des 16:30h às 18h - dia 24/03
(casa Lóri)*

Anexo 20 – Figura 37 Relação dos grupos de teatro afiliados na FETARGS em 1987

FETARGS - FEDERAÇÃO DE TEATRO AMADOR DO RIO GRANDE DO SUL - RELAÇÃO DOS GRUPOS FILIADOS - NOVEMBRO DE 1987		SECRETARIA GERAL Incluídos os grupos com endereços atualizados		
NÚCLEO	GRUPO	ENDEREÇO	FONE	RESPONSÁVEL
CACHOEIRA DO SUL	VERSO EXPLICITO	Corresp. p/Caixa Econômica Federal CEP 96500 Cachoeira do Sul	-	Marta Caminha
CANOAS	PÃO COM BANHA	R. Florianópolis 1103 Bairro Mathias Velho CEP 92340 Canoas	(0512) 726900 724411	Luis Sady Almeida
CARAZINHO	G TEATRAL E CULTURAL AMANHECER	Av Flores da Cunha 2107 CEP 99500 Carazinho	-	Gilberto Moura da Silva
EREXIM	DEI X VER	Av Maurício Cardoso 88 CEP 99700 Erechim	(054) 321 2443	Vilson Fornazieri
GIRUÁ	ARTE E VIDA	R Francisco Leopoldo Uhry 710-CEP 98870 Giruá		Rosane Assunção
IJUI	ABRINDO BRECHA	R do Comércio 64/410 CEP 98700 Ijuí	(055) 332 1414 332 3695 332 2771	Heitor Schmidt Daisi Schmidt

NÚCLEO	GRUPO	ENDEREÇO	FONE	RESPONSÁVEL
NOVO HAMBURGO	PINTANDO O 7	R Carlos Gomes 129 ^{mesmo} do CEP 93310 N. Hamburgo ^{Centro}	(0512)954279 936947	Luis F. Rodembuch
	ARTE & MANHA	R Maurício Cardoso 961/35 Bloco B-CEP 93510 N. Hamb.	(0512)933846	Rejane Zilles
	ERA UMA VEZ	R Joaquim Nabuco 137/311 CEP 93310 N. Hamburgo ^{mesma}	(0512)986947- 936947	Luis F. Rodembuch
PELOTAS	ART DANCE	R Gal. Neto 374 CEP 96010 Pelotas	(0532)254370	Cristiane Vieira
	GRUPO DE ARTE E EXPRESSÃO ESPÍRITA (G.A.E.E.)	Rua Andrade Neves 3207/303 CEP 96100 Pelotas	(0532)231693	Marco Mello
	G DE T POPULAR CABE NA SACOLA	R Antonio dos Anjos 70D/302 CEP 96100 Pelotas	(0532)256500 257706 251710	Ronaldo C. de Moraes
	LADO ESQUERDO	Corresp p/Secretaria da da FETARGS		Alberto Liberato
	CIRANDA NAS ESTRELAS	R Bento Martins 1656 CEP 96010 Pelotas	(0532)229404	João Carlos Vieira
	DESILAB	Pr. 20 de Setembro 455 CEP 96015 Pelotas	(0532)255406 251800	Valter Sobreiro Junior

NÚCLEO	GRUPO	ENDEREÇO	FONE	RESPONSÁVEL
PELOTAS(cont.)	OUTRO GRUPO DE TEATRO	R Voluntários da Pátria 920 CEP 96100 Pelotas	(0532)224342	Marco Tavares
	NÓS NA GARGANTE	R João Pessoa 399/7 CEP 96010 Pelotas	(0532)255444	Carlos Eduardo Valente
	TEATRO DOS GATOS PELADOS	R Maurício Dias 1597 CEP 96100 Pelotas	(0532)256837	Valter Sobreiro Junior
	CIA TRAGICÓMICA TEATRO AVENIDA	R Santa Cruz 1063 CEP 96010 Pelotas	(0532)212449 Liliane	Joca D'Ávila
	TEATRO ESCOLA DE PELOTAS	Av Brasil 466 CEP 96030	(0532)257145	Luis Isaias C. do Amaral
	TEATRO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA (TUCA)	R Felix da Cunha 412 Pró-Reitoria de Extensão	(0532)253455 R.215	Aura Chies
	USINA DE TEATRO	UCPEL-CEP 96010 Pelotas		
	TEATRO UNIVERSITÁRIO (UFPEL)	R Santos Dumont 513 CEP 96020 Pelotas	(0532)212033 R.217 (0532)255406	Sandra Sobreiro
	CIA TEATRAL NOVO TEMPO	R João Chaves Campelo 326 B Fragata-CEP 96100 Pelotas	-	Ricardo Veleda

NÚCLEO	GRUPO	ENDEREÇO	FONE	RESPONSÁVEL
PORTO ALEGRE	GESTUS	R Riachuelo 1324/1003 CEP 90010 Porto Alegre	(0512)260219	Nair D'agostine
	ELEMENTOS DE CENA	R Cel Jaime da Costa Pereira Nº 460/113 CEP 90620 Porto Alegre	(0512)259775 (Julio) (0512)259171 (Álvaro)	Gilese Rodrigues
	ETCTEATRAL	R Rodolfo Gomes 469 CEP 90060 Porto Alegre	(0512)335036	João L. Castro Lima
	ESPIA SÓ	R Leonardo Trudall 40, 12 and. CEP 90000 Porto Alegre	(0512)228856	Airton Fernandes
	TEATRO LIBERDADE DE PORTO ALEGRE	R Vasco da Gama 471 CEP 90410 Porto Alegre	(0512)315236 (Débora)	David Camargo
	PÉS NA TERRA	R Cristovão Colombo 2075/12 CEP 90460 Porto Alegre	(0512)224488 (Célia) (0512)411492 (Maurício)	Maurício Guzinski
	TARIMBANDO	R Gal Câmara 424 CEP 90000 Porto Alegre	(0512)212200 R.272(Isabel) (0512)256898 (Nelson)	Nelson A. Magalhães

NÚCLEO	GRUPO	ENDEREÇO	FONE	RESPONSÁVEL
PORTO ALEGRE (cont.)	NOSFERATU	Av Ipiranga 7060/204 CEP 9000 Porto Alegre	(0512)218933 R.547	Paulo Roberto Fagundes
RIO GRANDE	GRUPO DE TEATRO DA FURG	R Alfredo Much 475 S. 15 CEP 96200 Rio Grande	(0532)323033- 323300 <small>RGmail 76</small>	Vania Brown
SANTA MARIA	PRESENÇA	Av Farrapos 205 CEP 97100 Santa Maria	(055)2211717	Pedro Freire Junior
	PREGANDO PEÇA	R Visconde de Pelotas 1732/102 Bloco B-CEP 97100 S. Maria	(055)2211952 (Leandro)	Silvia Pohl
SANTO ÂNGELO	A TURMA DO DIONÍSIO	Av Brasil A-210 98800 Santo Ângelo	(055)3123217 3122440 3125741(Celso)	Jerson Fontana
SANTA VITÓRIA DO PALMAR	G DE T PALMAR	R Andradas 1872 CEP 96230 S. Vitória do Palmar	(0532)631703	Jane Manske
BENTO GONÇALVES	VERBO SER	R 7 de Setembro 512-Bairro Fene- vinho-CEP 95700 B. Gonçalves	(054)2522632	Asir Beltran
ALVORADA	OS PIRILAMPOS	R Carlos Gomes 242 CEP 94800 Alvorada	-	Carlos Adriano Almeida

Anexo 22 – Figura 38 Matéria sobre premiação do Espaço Teatro do Sol

ENTREGA DOMICILIAR

Anual	R\$ 120,00
Semestral	R\$ 66,00
Trimestral	R\$ 34,00
Mensal	R\$ 12,00

OUTRAS LOCALIDADES

Porte/correio: R\$ 9,00/mês

ANO XXVI - Nº 7.075 - R\$ 1,00

JORNAL AGORA 25 ANOS

Rio Grande, Sábado/Domingo, 10 e 11 de Março de 2001 O JORNAL DO SUL

13- Sáb./Domingo, 10 e 11 de Março de 2001

SOCIAL

Oficinas de Arte

O teatro do Sol Melhores do Verão 2001 em cultura, está com inscrições abertas para oficinas de teatro e de música. A de teatro será coordenada pelo ator Lóri Nelson que desenvolverá a proposta "Ator Móvel". Já a oficina de música terá como instrutor o conhecido músico do Cassino, Carlos Garcia que trabalhará com violão, guitarra e contrabaixo, no estudo de harmonia, método cifrado-prático e eficiente, com noções teóricas. Outras informações pelo fone 236 37 40.

Logo mais, a partir das 21h, acontece a tão esperada cerimônia de entrega dos troféus aos "Melhores do Verão 2001". Serão momentos de rara beleza, os vivenciados por homenageados e convidados, durante a noite que reserva detalhes de impressionar. A pérgola da piscina da Casa do Marinheiro do Rio Grande, está sendo transformada em um belíssimo ambiente, onde ocorrerão a cerimônia de entrega, o coquetel e jantar. Em seguida, em outro ambiente os mais animados, dançarão as músicas que fazem sucesso. Uma noite em que as personalidades, empresas, projetos, entre outros estarão sendo destacados por suas atuações durante a temporada que se encerra. Estarão presentes e receberão a honraria os seguintes nomes:

Dept de Vela do Rio Grande Yacht Club - Esporte Lusiane Barcelos Bidart Silva - Elegância Restaurante Cel. Tapioca - Gastronomia Ana Lúcia Pires - Beleza Estúdio de Verão da Oceano FM - Comunicação Posto da Praia - Empreendimento Pousada Blumengarten - Hotelaria

100 Juiz - Noturno Projeto Happy Hour / Sesc - Lazer Maria Cristina Viñas Gomes da Silva - Jornalismo Associação Commercial do Cassino - Comércio Teatro do Sol - Cultura 28ª Feira do Livro - Educação Turismo em Rio Grande - Turismo Operação Zé do Sul - Social Oswaldo Contreira - Administração Unimed Litoral Sul - Saúde Reveillon Mexico-Migo no Country Club - Acontecimento Sociedade Amigos do Cassino - Clube

Em sua 3ª edição o troféu "Melhores do Verão" marcará sem dúvida de forma impar o fim de mais um verão, num cenário esplêndido, com pessoas de destaque, decoração de primeira, banquete delicioso e muita animação.

Estão apoiando esta edição empresas de renome na cidade tornando com seu respaldo o evento de muito mais importância. Uma festa inesquecível que será registrada em breve para quem não for...

Eduardo Soárez

JORNAL AGORA

Anexo 23 – Figura 39 Reportagem sobre a inauguração do Espaço Artístico-cultural Teatro do Sol

O JORNAL AGORA
25 ANOS
Rio Grande, Sexta-feira, 26 de Janeiro de 2001
ANO XXVI - Nº 7.045 R\$ 0,75

4 - Sexta-feira, 26 de Janeiro de 2001

CIDADE

TEATRO DO SOL:

Um espaço destinado a artistas da região inaugura hoje

Foto: Eduardo Beleske/JA

O Teatro do Sol inaugura hoje, com a expectativa de reunir artistas rio-grandinos e da região que buscam um local apropriado para divulgar seus trabalhos. Formado por um grupo de atores (Lóri Néison, Lara, Elisa, Daniel e Israel) o projeto "Teatro do Sol" foi a concretização de um sonho desse grupo que se conheceu em Rio Grande, mas que por necessidade de se aperfeiçoar teve que se separar.

Segundo Lóri Nelson, este é um espaço artístico e cultural onde os próprios atores produzem e apresentam seus trabalhos, e teve o apoio das Secretaria de Justiça e Cultura do Estado que cedeu o espaço, um estilo de teatro de arena, onde o público interage com os atores. "Nós lutamos muito para fazer essa temporada de inauguração e esperamos que tudo de certo para continuarmos esse intercâmbio de atividades artísticas", disse ele.

O objetivo deste projeto é valorizar os artistas da cidade e da região e não só através do teatro,

"Traição..." abre o Teatro do Sol hoje

mas também da música e da poesia.

De acordo com a atriz Elisa Lucas, esta peça que será apresentada hoje, "A Traição?!", um amor que tinha tudo para dar certo", é um espetáculo intimista que comprova a possibilidade de se fazer um trabalho simples, mas com qualidade. Para a diretora Lara Bittencourt, é fundamental que o artista se renove, "nossos

artistas rio-grandinos têm capacidade e talento, mas é preciso divulgar esse trabalho, e não parar de se aperfeiçoar nunca".

No sábado, 27, acontece o espetáculo "Muro de Papel", uma performance do poeta e compositor rio-grandino Angelo Vigo, ele divide o espaço com o violinista, compositor e multi-instrumentista Gilberto Oliveira. (ANELISE CACERES)

Espaço diferenciado ao teatro inaugura hoje

O Teatro do Sol inaugura hoje, no Cassino, com a peça "A Traição...". O espaço artístico teve apoio da Secretaria de Cultura do Estado e é uma oportunidade dos atores divulgarem seus trabalhos

Artistas se apresentam num estilo de teatro de arena, onde o público pode interagir com os atores. Página 4

Chamada de Capa



Anexo 24 – Figura 40 Matéria sobre o teatro do Sol

Jornal Cassino

Teatro do Sol - Espaço de Arte e Cultura do Cassino

O Projeto Teatro do Sol foi uma proposta do ator Lóri Nelson em conjunto com teatristas da região Sul gaúcha. Consta da adaptação e recuperação – pequena reforma, de um prédio pertencente a Secretaria de Estado da Justiça - RS (antigo CISP – Centro Integrado de Segurança Pública), que encontrava-se desativado, em “espaço artístico-cultural permanente”, sito a Avenida Rio Grande, canteiro central, esquina com a rua Uruguaiana, aqui no bairro- balneário Cassino – Rio Grande/RS.

Em seguida, outros artistas – músicos, artistas plásticos, poetas... foram se identificando com a proposta e o Projeto Teatro do Sol tornou-se mais amplo, sendo que hoje abriga artistas de diversas áreas, funcionando como um “pequeno mas movimentado centro de Arte e Cultura”, como afirma seu coordenador Lóri Nelson.

PRIMEIRA FASE

Na 1ª fase, a inauguração foi em 26 de janeiro de 2001, diz Lóri, o Projeto Teatro do Sol teve como objetivo “mostrar a viabilidade” de se construir um “espaço artístico-cultural permanente” no prédio do antigo CISP-Cassino, que encontrava-se desativado.

Foram 12 espetáculos com apresentações de teatro, música e poesia. A média em torno de 30 espectadores para uma casa de 40 lugares, foi “considerada satisfatória pela equipe”, completa o coordenador. E destaca outros pontos positivos:

- espaço para ensaios de 06 grupos artísticos, atualmente três grupos utilizam o local;
- encontro de artistas que teve como proposta “maior divulgação do Teatro do Sol, sua permanência como espaço de Arte e Cultura e ampliar sua relação com a comunidade e artes, priorizar a relação com a Escola Estadual Silva Gama a 30 metros do local;
- oficina de teatro para veranistas;
- o prêmio “Melhores do Verão 2001” na área da Cultura pelo colunista multimídia (rádio, jornal e tv) Eduardo Soares;
- intercâmbio com estudantes de artes cênicas das Universidades Federais de Santa Maria e Porto Alegre com a montagem e produção de dois espetáculos especialmente feitos “para/no Teatro do Sol” e formação da equipe da 1ª fase do Projeto – com teatristas;
- e o apoio do gabinete do Secretário de Estado da Cultura/RS, Luís Marques, para a continuidade do Projeto. O Projeto Teatro do Sol tem recebido assessoria do diretor da Casa de Cultura Mário Quintana de Porto Alegre, Ben Berardi.

FASE ATUAL

O coordenador afirma que o objetivo do Projeto Teatro do Sol na atual fase é “a manutenção” do espaço. Lóri Nelson diz que atualmente funcionam duas oficinas de Arte, Teatro e Música. A de teatro tem uma turma nas terças e sextas, das 17:30h às 18:30h com crianças (até 11 anos) e outra de adolescentes (de 12 a 17 anos) nas terças das 21h às 23h. São 20 alunos-atores. As de música – violão, contra-baixo e guitarra são as segundas-feiras, nos turnos da manhã, tarde e noite, atualmente são sete alunos. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas no local, como também, para obter maiores informações com os oficineiros – Lóri no teatro e Carlos Garcia na música, procurar nos horários das oficinas.

No dia 07 de abril passado, o Teatro do Sol inaugurou seu espaço de Artes Plásticas com a vernissage do fotógrafo Maninho dos Santos com sua mostra de “Artes Fotográficas Transformação – Veios naturais”, 12 fotos coloridas, com apoio do Restaurante Mão na Massa. Maninho dos Santos desenvolve, no momento, no Teatro do Sol seu Projeto “Garage de Arte”, que visa preparar o Teatro do Sol para mais um espaço para exposições de artistas plásticos, principalmente artistas iniciantes e que a partir da exposição no Teatro possam se apresentar em outros locais. Em três semanas a exposição foi visitada por 221 pessoas, alegra-se o coordenador.

Já no próximo dia 04 de junho, será a vez dos alunos da Escola Estadual Silva Gama com trabalhos de “educação Ambiental” a exporem no Teatro do Sol, trabalho coordenado pelas professoras Célia Pereira e Vera Balinhas.

O espaço para apresentações artísticas já está agendado para o mês de junho uma temporada de João Bosco B. e sua trupe com apresentações em três finais de semana. Fez contato com a coordenação o músico Beto Federal, que estuda a possibilidade de realizar brevemente um show no Teatro do Sol.

Lóri Nelson, destaca que faz sucesso na programação do Teatro do Sol o Projeto dos músicos Carlos Garcia e Maurício Cunha – “Ensaio Geral”. Consiste de apresentações musicais no final das tardes de Domingo, com entrada franca. Os músicos sempre convidam outros músicos, somando as apresentações artísticas um intercâmbio musical e uma confraternização. Nas últimas edições (já aconteceram nove) participaram por exemplo, o conhecido músico Miguel Isoldi, como também a grata revelação como cantora, Paula Nascimento. O horário é a partir das 16h até mais ou menos 18h.

Ainda no mês de junho o Teatro do Sol, completa o coordenador, prepara para lançar mais um projeto – Debates de Arte e Cultura. Uma vez por mês o Teatro convidará um debatedor e o texto base de debate será publicado posteriormente e distribuído.

Espaço de Arte e Cultura do Cassino

Página 11

Rio Grande, 25 de maio de 2001

IEACEN
Instituto Estadual
de Artes Cênicas



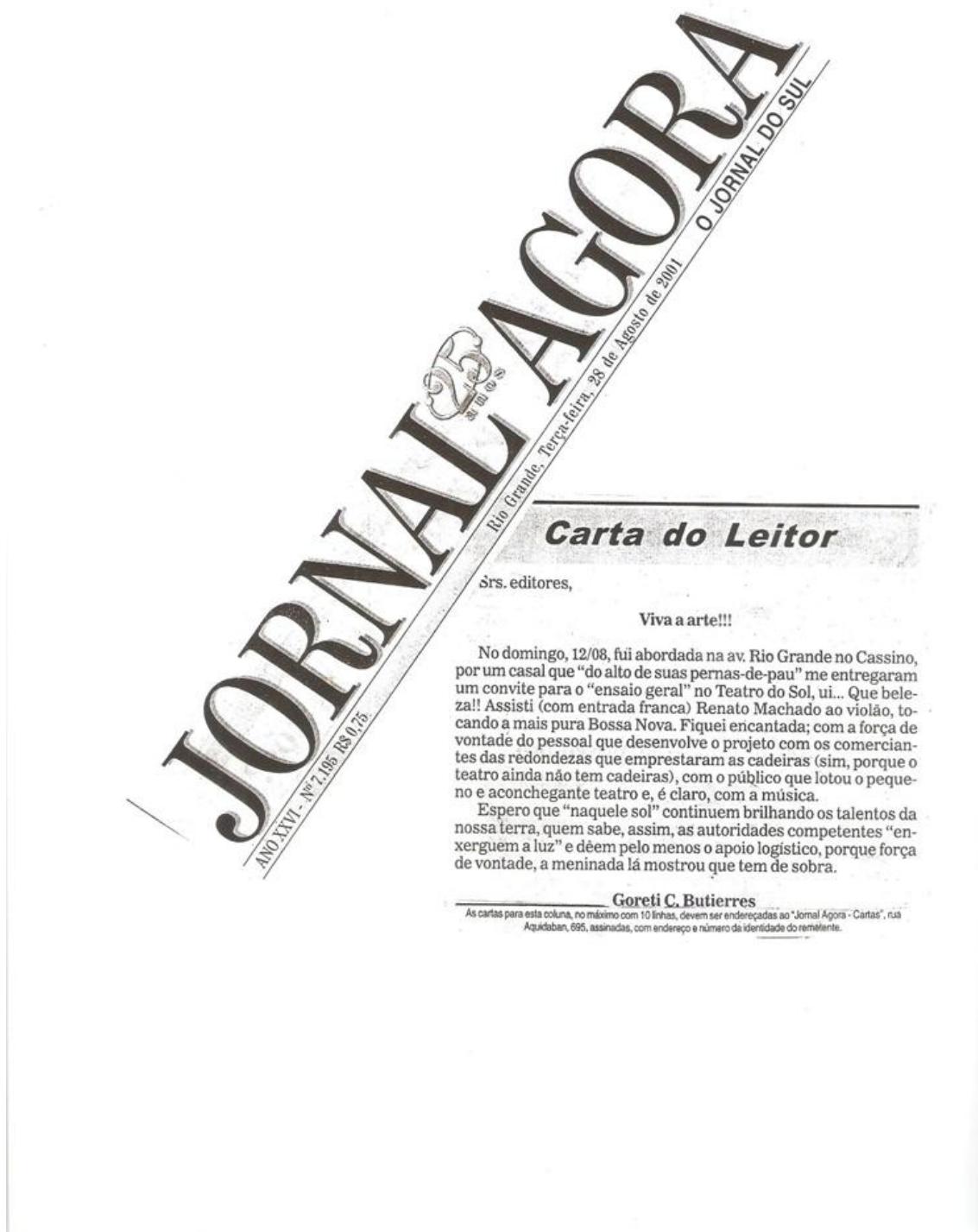
O ator Lóri Nelson responsável pelo projeto “Teatro do Sol”.



Foto: Luzia Barcelos

Os músicos Carlos Garcia e Mauricio Cunha realizam

Anexo 25 – Figura 41 Critica do leitor em relação ao Teatro do Sol



Anexo 26 – Figura 42 Reportagem destacando o Projeto Tapete Mágico

8

Setembro de 2002

APTAFURG

Sindicato na luta

Projeto tapete mágico conquista a comunidade

O Projeto Tapete Mágico coordenado pelos músicos, Miguel Isoldi e Maurício Cunha chegou a sua décima edição, em 2002, com a apresentação do show musical "No limite do espelho" do músico e compositor Índio Benvenuto, ex-líder e vocalista da conhecida banda dos anos 90, Procurado Vulgo. O show aconteceu no dia 22 de setembro no Teatro do Sol, no balneário Cassino. O projeto tem o apoio cultural dos sindicatos rio-grandinos APTAFURG, APROFURG e SINTERG e das empresas cassinenses FERMOTO e POSTO DA PRAIA possibilitando que a comunidade tenha entrada franca em todos os espetáculos do Tapete Mágico.

Os shows acontecem sempre aos domingos a partir das 19h, sendo em um domingo sim e outro não, duas vezes ao mês. Na programação a seguir, no dia 13 de outubro (dia 06 não haverá programação por causa da eleição) teremos o conhecido músico rio-grandino FIO que atualmente trabalha no Rio de Janeiro, tem diversos sucessos seus tocados e gravados por parceiros da terra como Gilberto Oliveira, Chico Padilha, Beto Federal, Miguel Isoldi, entre outros. Ao violão FIO mostrará ao público suas próprias canções.

Já no dia 27 de outubro teremos o primeiro show totalmente instrumental este ano com o professor JADER TEIXEIRA, que também é oficineiro do Teatro do Sol, possuindo em torno de vinte alunos em quatro turmas de oficina de música. JADER ao violão mostrará composições próprias e de autores que gosta de tocar e como destaque apresentará alguns de seus

alunos do Teatro do Sol que ele conta que "serão surpresas que o público irá gostar".

E finalmente, dia 10 de outubro, quando "1 irá valer 3", pois num mesmo dia o Tapete Mágico vai reunir em torno de 10 valores musicais da nossa região em um grande show, encerrando assim o projeto em 2002, com a proposta de continuar em 2003, diz o músico Maurício Cunha. A resposta do público deu - começamos com 40 cadeiras, atualmente colocamos 68 e a média de público é de 75 espectadores, sendo que os dois últimos tiveram em torno de 100 pessoas cada show, afirma o músico.

É importante ressaltar, que além do projeto Tapete Mágico o Teatro do Sol possui atualmente sete oficinas de arte - três oficinas de teatro para adultos, jovens e crianças e quatro turmas de oficina de música, através do violão. Diversas programações são desenvolvidas nas dependências do teatro e nas suas adjacências. Exemplo é da foto ao lado, da exposição da Instalação "Poço dos Desejos" dos alunos da Escola Silva Gama do balneário Cassino, próximo ao teatro. Mais de 400 pessoas passaram pelo teatro em quatro ou cinco dias de exposição.

O projeto conquista a comunidade e ajuda os artistas da região a divulgar seus trabalhos, como também a sua integração em sua região. Para mim, "o Teatro do Sol é um importante aliado do artista local e um espaço fundamental para a comunidade, pois é no momento um espaço de arte e cultura permanente e com grande movimentação", encerra o artista.

Maurício Cunha, guitarrista e coordenador do Projeto Tapete Mágico



Alunos da Escola Silva Gama, na Instalação Poço dos Desejos

Anexo 27 – Figura 43 Matéria comemorativa pelos dois anos de funcionamento do Teatro do Sol

6

Rio Grande, 15 de novembro de 2002

Jornal Cassino

TEATRO DO SOL: Dois anos popularizando a Arte no Cassino

No próximo domingo, 17, a partir das 18 horas, será realizado um show musical especial, ao ar livre junto ao Teatro do Sôl, aqui no Balneário. No show, será apresentado a coletânea do Tapete Mágico, quando em torno de mais de uma dezenas de artistas da região estarão mostrando seus trabalhos, que, durante este ano de 2002, foram apresentados pelo Projeto Tapete Mágico, coordenado pelos músicos cassineenses Maurício Cunha e Miguel Isoldi com apoio do também cassine-

Já confirmados até agora para o show especial do próximo dia 17, Paula Nascimento, Renato Canhoto, Miguel Isoldi, Maurício Cunha, Ângelo Vigo, Beto Federal, Alessandro Lima, Oscar Amarante, André Rava- ra, Edcar e Jader Teixeira.

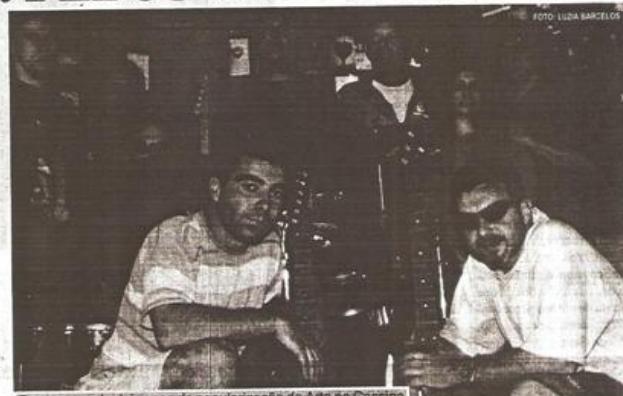
ra, Edgar e Jader leix
**Homenagem à
Escola Silva Gama**

É importante destacar que neste ano, o Tapete Mágico produziu treze (13) shows com entrada franca no Teatro do Sol, sempre um domingo sim, outro não, aos finais de tarde, com os patrocínios dos sindicatos rio-grandinos Aptafurg, Aprofurg, Sinterg e, ainda, das empresas cassimenses Fermoto e Posto da Praia.

De acordo com o ator Lóri Nelson, o objetivo da criação do Teatro do Sol é popularizar a Arte e estimular a auto-estima da comunidade, quando esta desconhece que em sua terra encontram-se grandes valores artísticos. Ainda, segundo Lóri Nelson, no show de domingo, além da coletânea do Tapete Mágico, a homenagem será aos 55 anos da Escola Silva Gama, "nossa parceira, pôr o Teatro do Sol tornou-se pelo uso frequente dos professores, alunos e da banda Tradicional da Escola, como o palco preferido e constante daquela instituição de ensino", destaca Lóri.

**Exposição
Comemorativa**

Hoje, 15, inaugura a "Exposição Comemorativa do Teatro do Sol - Dois anos popularizando a Arte, ocasião em que o grupo estará expondo fotos, material publicado na imprensa, cartazetas, panfletos e outros materiais de divulgação mostrando que em dois anos mais de uma centena de eventos artísticos-culturais foram produzidos no Teatro do Sol entre especáculos



Comemorando dois anos de popularização da Arte no Cassino
parte da família artística que faz acontecer o "Teatro do Sol"



A professora Célia Pereira, coordenadora das exposições do Teatro do Sol



Os músicos Maurício Cunha e Miguel Isoldi, coordenadores do Projeto "Tapete Mágico".



O ator Lôr Nelson, coordenador do Teatro do Sol

**"CONFIRA OS MAIS QUENTES
LANÇAMENTOS DO MERCADO
EDITORIAL BRASILEIRO AQUI NA..."**

 acadêmica

**SEGUNDA à SEXTA das 7h30min às 19h - SÁBADOS das
7h30min às 12h30min Rua General Câmara, 393
Fone/Fax: 232-4374 Rio Grande/RN**

Anexo 28 – Figura 44 Matéria de retrospectiva do ano de 2001 pelo Jornal Cassino marcando o Teatro do Sol como um espaço artístico-cultural permanente e de grande importância para a localidade.

14

Rio Grande, 28 de dezembro de 2001

Jornal Cassino

RETROSPECTIVA 2001

EDUCAÇÃO/ARTE/CULTURA/BELLEZA/ESPORTE

Arte e Cultura

- Espaço artístico-cultural permanente no Cassino



O Projeto Teatro do Sol, proposto pelo ator cassinense Lóri Nelson em conjunto com teatralistas da região sul gaúcha, funcionando no canteiro central da avenida Rio Grande, torna-se um “espaço artístico-cultural permanente”. Hoje, o Teatro além de abrigar artistas de diversas áreas e exposições, realiza várias oficinas entre as quais destacam-se as oficinas de música e teatro.

Anexo 29 – Figura 45 Palhaço Bolaxa em apresentação na rua em São Paulo



Anexo 30 – Figura 46 Palhaço Bolaxa no Piquenique Cultural de Pelotas.



Figura 47 – Palhaço Bolacha se preparando para apresentação no Piquenique Cultural



Anexo 31 – Figura 48 Apresentação dos palhaços Bolaxa e Miacusa no 1º Teatrua em Pelotas. Foto: arquivo pessoal de Lóri Nelson.



Figura 49 – Palhaços Bolaxa e Miacusa em apresentação aos servidores da FURG em comemoração ao dia do funcionário público



Anexo 32 – Figura 50 Bolaxa no Espacinho do Partage Shopping Rio Grande.
Foto: acervo pessoal de Lóri Nelson.



Anexo 33 – Figura 51 Foto do elenco da peça Dom Quixote e Dulcinéia. Direção: Régis Brandão e Meme Meneghetti



Anexo 34 – Figura 52 Matéria de jornal sobre Lóri Nelson e a influência da família na sua vida